

A LUZ DA VERDADE

Um guia público
para conhecer
a Maçonaria



FLÁVIO DELLAZZANA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dellazzana, Flavio

A luz da verdade / Flavio Dellazzana. --
Itapema, SC : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-77882-2

1. Ética (Moral filosófica) 2. Maçonaria -
Filosofia 3. Rituais I. Título.

26-333664.1

CDD-366.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Ritual do Rito : Sociedades secretas
366.12

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

A LUZ DA VERDADE

*Um guia público para conhecer a
Maçonaria.*

FLÁVIO DELLAZZANA

A MAÇONARIA EXPLICADA



Nota do Autor

Embora eu pertença ao Grande Oriente de Santa Catarina e tenha servido como Secretário do Rito de York, e atualmente atue na Secretaria do Rito como Instrutor Estadual e Editor de Rituais, este livro não representa a posição oficial da Secretaria do Rito de York ou da Potência.

As reflexões aqui contidas são fruto da minha vivência pessoal, das observações recolhidas ao longo dos vinte e três anos de estudo e convivência com Irmãos de diferentes orientes, “cidades” e ritos.

Cada linha foi escrita com o coração de quem ama a Maçonaria e busca compreendê-la em sua essência simbólica e filosófica.

Assim, esta obra expressa somente o pensamento do autor.

Deve ser entendida como uma contribuição livre à tradição maçônica, especialmente ao Rito de York, que tanto inspira e ilumina o caminho daqueles que, com humildade, buscam a Luz.

“A Luz da Verdade revela ao homem que o templo que ele busca não está nas pedras do mundo, mas no silêncio do coração, é ali que o Grande Arquiteto trabalha, e onde o aprendiz descobre a primeira e a última verdade.”

Flávio Dellazzana

PREFÁCIO

Há livros que se abrem como portas. *A Luz da Verdade* é uma dessas obras raras que convidam o leitor a cruzar o limiar do conhecido e a aventurar-se pelo território do autoconhecimento. Desde as primeiras linhas, percebe-se que não se trata de uma leitura comum.

O autor, Flávio Dellazzana, fala com a serenidade de quem percorreu longos caminhos e com a paixão de quem encontrou no estudo e na vivência maçônica um sentido profundo para a existência.

Seu texto é um convite à reflexão, uma chama que desperta o desejo de compreender o que há de mais essencial no ser humano: a busca pela verdade e pela luz interior.

A narrativa é conduzida como uma jornada simbólica, onde o homem é o aprendiz e o próprio templo é o coração.

Cada capítulo ilumina uma etapa desse percurso silencioso que transforma a curiosidade em sabedoria, o ego em serviço e o mistério em revelação.

A linguagem de Dellazzana é clara, envolvente e ao mesmo tempo poética, capaz de tornar acessíveis os temas complexos da filosofia maçônica. Ele não busca convencer, mas inspirar. Não impõe verdades, mas acende perguntas.

É nesse equilíbrio entre emoção e razão que o livro encontra sua força. Em suas páginas, a Maçonaria deixa de ser um enigma distante e se revela como uma escola viva de virtude.

O autor descreve o Rito de York com a delicadeza de quem conhece suas origens e o respeito de quem o vivencia. Mostra que o verdadeiro trabalho do Maçom não está nas pedras do templo, mas na lapidação da alma.

A fraternidade surge como a argamassa invisível que une homens de diferentes credos e histórias em torno de um propósito maior: tornar-se melhor a cada dia.

Ler este livro é compreender que a Luz não se busca nas alturas, mas se descobre dentro de si, quando a humildade vence o orgulho e a vontade se transforma em obra.

A obra conduz o leitor a uma nova dimensão do simbolismo maçônico. Do conceito de profano ao de iniciado, da história das antigas guildas de pedreiros às reflexões sobre o Grande Arquiteto do Universo, o texto resgata o sentido original do ofício e o traduz em ensinamentos para a vida moderna.

A grande construção descrita por Dellazzana é uma metáfora da própria humanidade, onde cada ação justa é uma pedra colocada na catedral invisível da consciência.

A beleza do livro está em revelar que essa construção não pertence a um tempo nem a um povo, mas a todos os que desejam viver com ética, sabedoria e amor.

Ao longo da leitura, o autor desfaz preconceitos, esclarece lendas e devolve à Maçonaria o que ela sempre foi: uma escola de caráter, tolerância e liberdade. Com leveza e profundidade, ele mostra que ser Maçom é aceitar o desafio de conhecer a si mesmo, servir ao próximo e honrar a verdade, não com palavras, mas com atitudes.

Em um mundo cada vez mais acelerado e superficial, *A Luz da Verdade* é um respiro. É o chamado para desacelerar, olhar para dentro e recordar que a maior de todas as obras é o aperfeiçoamento interior.

Ao fechar o livro, o leitor não encontra um ponto final, mas um novo começo. Flávio Dellazzana oferece mais do que um guia para compreender a Maçonaria: entrega um espelho para cada um ver, refletida nas palavras, a sua própria jornada rumo à luz.

E é impossível sair o mesmo depois dessa leitura. Porque, uma vez que a luz da verdade toca o coração, ela jamais se apaga.

Cid Ionceck

Past Master da A.:R.:L.:S.: Talhadores da Pedra nº 135 – Itá – SC.

Fundador e Past Sumo Sacerdote do Capítulo Talhadores da Pedra nº 140 de Maçons do Real Arco – Itá – SC.



ÍNDICE

Nota do Autor.....	05
Prefácio.....	07
Introdução.....	13
A Luz entre os Homens.....	17
O Não Maçom “Profano”	27
A Grande Construção.....	35
A Origem da Maçonaria.....	39
Entendendo a Maçonaria.....	59
Deus - O Grande Arquiteto do Universo.....	67
O Altar.....	75
O Bode.....	81
As Vantagens.....	89
Lendas e Crenças.....	97
Os Graus.....	105
Os Ritos Maçônicos.....	113
Entrar na Maçonaria.....	121
O que se faz em Loja.....	125
Como é uma Sessão?.....	131
Regularidade.....	139
Clubes?.....	147
Quem não deve Entrar.....	151
Questões de Fé.....	155
15 Perguntas.....	161
Etiqueta.....	165
O que a Maçonaria Não Faz por Você.....	169

O Lema do Rito de York.....	173
Guia do Candidato.....	179
Erros Clássicos.....	185
A Mulher.....	191
As Cunhadas.....	197
A Família.....	201
Guia da Cunjhada.....	209
A Juventude	215
O Livro.....	221
Último Capítulo.....	227
Glossário.....	231
Bibliografia.....	245
O Autor.....	249

INTRODUÇÃO

Antes de conhecer a Luz, o homem precisa primeiro reconhecer a própria sombra.

A jornada maçônica não começa no Templo, mas no coração inquieto daquele que pressente haver algo além da vida comum, algo que as palavras não explicam, mas que o espírito anseia compreender.

É nesse ponto silencioso que o não iniciado se encontra, ele não busca somente ingressar em uma Ordem, mas decifrar a si.

As perguntas que o cercam, sobre o sentido da existência, o destino da alma, a natureza da virtude, o empurram para diante de uma porta que não se abre com força, mas com merecimento.

Em tempos antigos, os construtores erigiam catedrais que desafiavam os séculos.

Hoje, o aprendiz moderno é chamado a erguer, dentro de si, uma catedral invisível.

Cada pedra dessa construção é um pensamento purificado, cada traço é um gesto justo, cada medida é um ato de bondade.

A passagem das trevas à luz não é uma metáfora distante, ela representa o instante em que o homem, consciente de suas imperfeições, aceita ser moldado pelo cinzel do autoconhecimento e pelo maço da disciplina.

Não é um caminho de glória exterior, mas de lapidação interior.

A Maçonaria é uma única escola iniciática, porém ela é dividida em Ritos, sendo métodos de vivenciar a maçonaria.

À frente, neste livro, veremos sobre os ritos e suas diferenças.

O Rito de York é chamado assim porque nasceu na cidade de York, no interior da Inglaterra.

Esse rito é herdeiro da antiga tradição dos construtores ingleses, ele não promete recompensas materiais, nem oferece atalhos, ele propõe um trabalho de polir a pedra bruta até que nela se reflita o brilho da verdade.

Esse é o primeiro e mais nobre dos ofícios.

Quando o recém-iniciado, ainda vendado, dá o primeiro passo na Loja, ele simboliza toda a humanidade que busca a luz da sabedoria.

“A venda cobre seus olhos porque ainda não assumiu sua obrigação. Esse adormecimento simbólico da vista ensina que, antes de ver, é preciso ouvir e sentir, pois as palavras e ações possuem, atualmente, valor mais profundo que a visão exterior.”

O Neófito, cujo nome significa “nova planta”, simboliza o novo Maçom em sua fase inicial. Assim como a pedra bruta guarda arestas e irregularidades, ele carrega em si imperfeições que o trabalho ritual e moral lentamente lapidará, rumo à perfeição interior.

Cada passo, cada palavra, cada símbolo, é um eco dos antigos mistérios que atravessaram séculos e continentes, preservando o mesmo ideal, o aperfeiçoamento do homem.

Assim se inicia a jornada, com humildade diante do desconhecido e esperança diante do invisível.



A LUZ ENTRE OS HOMENS

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” —
João 8:32

Os caminhos que conduzem à Maçonaria não são iguais.

Há os que chegam movidos pela curiosidade, desejando entender o que se oculta por trás das colunas.

Há quem foram convidados e se aproximam com um leve temor, como quem sente o peso do desconhecido e a promessa de uma transformação.

E há quem não entre na maçonaria, mas partilhe a vida com quem o faz, as esposas, filhos e famílias inteiras que sustentam o Maçom com o silêncio e o amor.

Este livro é dedicado a todos eles, pois não ensina segredos, porque os segredos não se ensinam, são despertados através da vivência de cada um.

Não revela mistérios, porque o mistério não está no rito, mas no homem.

Fala somente ao coração e à razão, para cada um reconhecer, à sua maneira, a presença invisível da Verdade.

A Maçonaria não é religião, mas reconhece a centelha divina em cada criatura.

Não é partido político, mas ensina a liberdade e o respeito.

Não é um clube social, mas um lugar onde homens diferentes se tratam como Irmãos.

Chamam-se assim, de Irmãos, porque compreendem que, apesar das diferenças de raça, credo ou condição, são todos filhos de um mesmo Pai, o **Grande Arquiteto do Universo**, e que, após um breve período na Terra, todos retornaremos à Sua presença.

Quando esse entendimento se torna prática cotidiana, as barreiras sociais e econômicas perdem o sentido.

A amizade, a fraternidade e a convivência florescem naturalmente, sustentadas pelo respeito mútuo e pelo amor fraterno.

Os Irmãos convivem semanalmente, compartilham suas alegrias, suas lutas e suas dificuldades.

Conhecem-se verdadeiramente, sem máscaras.

Ajudam-se sempre que possível, e muitas vezes antes mesmo que o pedido seja feito.

Às vezes, basta uma palavra, um conselho ou um simples gesto para reacender a esperança no coração de alguém.

A tecnologia, que poderia afastar, aproxima ainda mais.

Em grupos virtuais, a Loja continua viva todos os dias, risos *“às vezes até demais, principalmente se um time de futebol perde feio”*, orações, palavras de apoio e partilhas sinceras, é ali que se percebe que a fraternidade não se encerra ao fechar da sessão da loja, ela se estende à vida, às famílias e às pequenas alegrias do cotidiano.

Contudo, é importante reconhecer que ninguém se torna Irmão muito rapidamente.

A iniciação concede o título, mas é o **tempo** que lhe dá sentido.

É a convivência constante, o desprendimento, a humildade e o desejo sincero de fazer o bem ao outro que constroem a verdadeira irmandade.

Ser Irmão é interessar-se pelo outro dentro e fora da Loja.

É oferecer ajuda, orientar com paciência, apoiar discretamente nos estudos, nas responsabilidades e na vida.

As amizades se formam, não por conveniência, mas por afinidade.

E, com o passar dos anos, essa convivência molda laços profundos, muitas vezes mais fortes que os de sangue.

Porque os laços de sangue não se escolhem, são dádivas do destino.

Os laços da fraternidade, porém, são **escolhas conscientes e renovadas** a cada semana, quando um Irmão decide caminhar ao lado de outro, dividir o fardo, a alegria e a vida.

Assim se constrói a verdadeira Maçonaria, não em discursos ou aparências, mas na prática viva da fraternidade.

É nesse exercício silencioso e constante que se manifesta a **Luz da Verdade**, aquela que nunca se apaga, porque brilha dentro de cada coração que aprende a amar como um Irmão.

”

A Maçonaria é, dessa forma, acima de tudo, um método de construção interior.

Cada pedra representa uma falha. Cada golpe do martelo de corte na pedra que remove um vício é também o símbolo de uma virtude adquirida.

Os que olham de fora confundem a reserva da Ordem com segredo.

Mas o segredo verdadeiro é o silêncio do coração, aquele que guarda o que é sagrado do ruído do mundo.

A Maçonaria não promete poder, riqueza ou prestígio.

Oferece somente três coisas: trabalho, disciplina e fraternidade. Sobre essas colunas se ergue o edifício moral do homem livre.

A porta da Loja não se abre a quem busca curiosidade, mas a quem deseja servir, aprender e melhorar.

A Verdade não grita. Ela espera. Mostra-se somente a quem olha com olhos limpos e alma disposta.

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis.” — Mateus 7:7

Ao candidato que se aproxima, a Maçonaria não oferece respostas prontas, mas caminhos.

A luz que ele procura não virá de fora; acender-se-á dentro dele, quando a sinceridade for maior que o medo, e a humildade mais forte que o orgulho.

Ser candidato é desejar ser transformado. É aceitar que a lapidação dói, mas liberta.

Antes de entrar, o homem deve olhar para dentro e se perguntar:

Tenho tempo para servir?

Tenho humildade para ouvir mais do que falar?

Tenho paciência para que o saber se revele gradualmente?

Essas perguntas são espelhos. Quem não suporta o próprio reflexo, ainda não está pronto para a Luz.

A Ordem não é abrigo de vaidades; é oficina de humildade.

Ser iniciado é começar uma vida nova, onde cada gesto, cada palavra, cada silêncio se tornam ferramentas de construção.

A Luz que aguarda o homem está nele desde o início. Ela somente espera que ele abra sua própria janela.

“A sabedoria edifica a sua casa.” — Provérbios 14:1

À esposa e à primeira família do Maçom, e o tempo que ele dedica aos trabalhos em loja não é fuga de casa, mas uma oferta silenciosa, pois lá, ele busca o que o trará de volta, paciência, equilíbrio e paz.

A Loja o molda; o lar o sustenta.

A mulher que compreende essa necessidade do homem de se lapidar participa do mesmo mistério, ela é parte da obra, mesmo sem estar presente.

Sua serenidade é uma lâmpada acesa. Sua confiança é a argamassa invisível.

O Maçom aprende a virtude em Loja, mas é em casa que ele prova o que aprendeu.

A Maçonaria não é uma fortaleza isolada do mundo, é o próprio mundo visto por olhos que aprenderam a enxergar.

Aquele que entra, muda; aquele que observa, pressente; aquele que ama um Maçom, participa, e no fim, todos constroem o mesmo Templo, um sem pedras, erguido no coração humano.

E quando a noite se cala, resta o que sempre houve, a Luz e a Verdade, o homem em pé diante do silêncio, sabendo que a obra nunca terminará, mas que vale a pena a jornada.





O NÃO MAÇOM “Profano”

Quando falamos de Maçonaria, é natural surgirem palavras desconhecidas, muitas delas antigas, carregadas de significados que se perderam no tempo.

Uma dessas palavras é “*profano*”, usada frequentemente em filmes, livros ou conversas entre maçons. Mas o seu verdadeiro sentido é mais profundo do que parece, e nem sempre é o mesmo em todos os ritos maçônicos.

Antes de tudo, é importante lembrar que a Maçonaria especulativa, aquela que hoje se dedica ao estudo moral, filosófico e simbólico, não nasceu na França, como muitos pensam, mas no interior da Inglaterra, especialmente na cidade de York, onde as antigas confrarias de pedreiros floresceram desde a Idade Média.

Essas confrarias eram formadas por artesãos livres, chamados de *freemasons* ou pedreiros-livres, que viajavam pelas cidades erguendo catedrais, pontes e castelos.

“Livres porque não estavam ligados a um senhor feudal, e possuíam salvo-condutos que permitiam andar por todo o reino, indo atrás de construções e pedreiras”

Com o tempo, perceberam que sua arte não era somente manual, mas também espiritual, pois cada pedra ajustada representava um gesto de ordem e harmonia diante do caos do mundo.

Esses pedreiros se reuniam em grupos organizados chamados guildas, que funcionavam junto a associações comerciais.

Nessas corporações conviviam pedreiros, carpinteiros, ferreiros, tecelões, mercadores e até mestres arquitetos.

Cada profissão possuía seus segredos, suas regras e sua moral de trabalho.

Foi dentro dessas associações comerciais “*como a Merchant Adventurers’ Hall, na cidade de York, Inglaterra*”, que os pedreiros começaram a abrir suas portas para outros homens, que não exerciam o ofício da construção, mas admiravam sua ética, seus rituais e seu modo de pensar.

Eram intelectuais, filósofos, comerciantes, médicos e nobres que viam na arte dos construtores uma metáfora da própria vida, assim como o pedreiro ergue uma catedral, o homem deve construir a si.

Esse encontro entre o trabalho e o pensamento, entre o ofício e o espírito, deu origem à Maçonaria especulativa.

De York, ela se espalhou para a Escócia e a Irlanda, regiões que à época faziam parte do mesmo Reino Unido, e onde a tradição das antigas guildas também era forte.

Somente depois essa herança cruzou o mar e chegou à França, onde a Maçonaria ganhou novas formas e influências. Lá, ela se aproximou do ambiente religioso e filosófico francês do século XVIII.

As lojas começaram a se reunir em igrejas, conventos e capelas, e quando passaram a construir seus próprios espaços de reunião, mantiveram o mesmo formato das antigas basílicas, com altares, colunas e áreas consagradas.

Foi nesse contexto que surgiu o uso das palavras **“Templo”** e **“Profano”**.

Os locais maçônicos eram considerados templos sagrados, e os que estavam fora desses templos eram chamados profanos.

A palavra vem do latim *pro fanum*, que quer dizer “fora do templo”, o *fanum* era o espaço sagrado, e *pro* indicava o lado de fora.

Assim, ser profano não significava ser impuro, somente alguém que ainda não havia cruzado o limiar do espaço consagrado.

Essa tradição permaneceu nos ritos de origem francesa, como o Rito Escocês Antigo e Aceito, o Rito Adonhiramita, o Rito Francês, entre outros, que chamam até hoje seus locais de trabalho de templos e os não iniciados de profanos.

O Rito de York, porém, segue outro caminho, pois as antigas Lojas inglesas, escocesas e irlandesas não nasceram em templos religiosos, mas em salas simples.

Muitas ficavam nos andares superiores das tavernas, ou em barracas de campanha dos exércitos, locais onde os Irmãos se reuniam para compartilhar ensinamentos, planejar obras e celebrar a fraternidade.

Essas salas de Loja, chamadas dessa forma até os dias atuais, eram locais de trabalho e estudo.

Não havia a ideia de um espaço consagrado como o de uma igreja, e o que as tornava sagradas não eram as paredes, mas a presença de uma Bíblia e o propósito dos homens que ali se reuniam.

Por isso, as Lojas do Rito de York mantêm até hoje um único plano, sem degraus que separem os Irmãos, refletindo o princípio da igualdade entre todos.

Essa simplicidade, herdada das antigas associações mercantis e das guildas, é uma marca profunda do Rito de York.

Enquanto os ritos de origem francesa tendem à solenidade ritualística e à sacralização do espaço, o Rito de York valoriza a franqueza, o trabalho e o conviver.

Por essa razão, entre nós não se usa o termo profano, chamamos os que ainda não pertencem à Maçonaria de “não maçons”, pois não existe separação entre o “sagrado” e o “comum”, mas somente entre quem já começou o trabalho interior e quem ainda não o iniciou.

Quando alguém é convidado a ingressar, é chamado de candidato, termo que indica que se encontra a um passo do limiar, pronto para cruzar a porta do conhecimento.

Esse convite não é feito ao acaso, em geral, o candidato é alguém que demonstrou boa conduta na sociedade, sendo reconhecido como um homem de bons costumes.

A partir desse momento, ele começa uma nova etapa, é instruído sobre o que é a Maçonaria, sobre o valor da ética, da humildade e do respeito à verdade.

Aprende que a verdadeira iniciação não é uma cerimônia, mas uma mudança de olhar, um modo diferente de enxergar o mundo e a si.

O **Rito de York**, herdeiro das antigas tradições da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, vê o homem não como ninguém distante da Obra, mas como um construtor em potencial, que caminha das trevas da ignorância rumo à luz da sabedoria.

A verdadeira construção, para nós, não é feita de pedra nem de madeira, mas de virtude e fraternidade.

E todo aquele que busca sinceramente a verdade já iniciou, ainda que não perceba, a edificação de si, tornando-se parte viva da Obra que ele próprio ajuda a revelar.

“A gratidão não é somente a maior das virtudes, mas a mãe de todas as demais.” — Marcus Tullius Cicero





A GRANDE CONSTRUÇÃO

“Cada homem é o arquiteto de seu próprio destino.”

Appius Claudius Caecus (*não Maçom*)

Criar uma Loja, trabalhar por ela e viver uma vida na maçonaria é comparável à construção de uma catedral, à obra silenciosa que se ergue pedra sobre pedra, no tempo e no espírito.

Para alguns, essa tarefa será somente o ato de carregar e empilhar tijolos, o cumprimento de um dever, a repetição de gestos sem alma.

Mas para outros, é a consciência desperta de que estão edificando algo maior que si, um templo invisível, onde o homem aprende a ser artífice da verdade, do bem e da beleza.

O Maçom verdadeiro reconhece que a Obra não é somente erguer paredes, mas aperfeiçoar-se a cada golpe do martelo de corte e a cada medida da régua.

“Trabalhar pela virtude é a única forma de construir algo que o tempo não destrói.” Benjamin Franklin (*Maçom*).

E, por isso, mesmo cansado, segue com alegria, porque não constrói para si, mas para a eternidade.

Assim também ocorre na vida cotidiana, muitos vivem somente o esforço material, constroem casas, acumulam posses, levantam muros.

Outros, porém, mesmo fora das Lojas, compreendem o sentido mais profundo da construção interior.

São aqueles que, como Leonardo da Vinci (*não Maçom*), viam em cada pedra o reflexo da harmonia divina, e sabiam que *“a beleza perece na vida, mas é eterna na arte”*.

O homem que compreende a grande construção, seja ele Maçom, convidado ou Não Maçom, torna-se parte do mistério universal, entende que a verdadeira construção não é de pedra, mas de conhecimento.

E que a argamassa que une essa obra é feita de fraternidade, compaixão e fé.

“Não construímos templos para Deus, mas para o homem aprender a encontrá-Lo.” Albert Pike (*Maçom*)

O trabalho na Loja é o reflexo da vida na Terra.

Na obra material, o aprendiz toma consciência de que, antes de exigir, deve servir; o companheiro aprende a medir seus atos e ações; o mestre, por sua vez, sabe dever unir o que está disperso e servir de exemplo para os que estão em sua caminhada inicial.

E cada um, ao seu modo, ergue uma parte da catedral invisível, aquela que só se revela aos olhos do espírito.

Como afirmou Goethe (*Maçom*): *“O que você puder fazer, ou sonhar que pode, comece. A ousadia contém em si o gênio, o poder e a magia.”*

Para aquele que vê somente pedras empilhadas, a Maçonaria parecerá um ofício cansativo e sem sentido. Mas para quem enxerga a totalidade, cada pedra é símbolo, cada golpe é aprendizado, e cada esforço é um ato de fé na construção da Verdade.

“Alguns olham para a catedral e veem pedra; outros olham para a pedra e veem a catedral.” Antoine de Saint-Exupéry
(*não Maçom*)



A ORIGEM DA MAÇONARIA

Voltemos no tempo.

Imaginem o mundo por volta do **ano 9.500 antes de Cristo**, uma era em que nem o Egito e suas pirâmides existiam.

O **Grande Frio** chegava ao fim. As geleiras recuavam, e a terra, novamente fértil, **voltava a florescer**.

Foi então que o ser humano **deixou as cavernas** e aprendeu a cultivar a terra e, com isso, nasceram as **aldeias**, e com elas, **as primeiras cidades**.

A humanidade dava seus primeiros passos rumo à construção da própria história.

Com a cidade, veio a necessidade de construir, proteger alimentos, abrigar famílias, criar espaços de convivência.

A pedra, até então elemento bruto da natureza, passou a ter forma e função, tornou-se abrigo, fortaleza e memória.

Foi assim que a arte de construir tornou-se uma linguagem comum a muitos povos.



Stonehenge planalto de Salisbury, Inglaterra (2023)



Monólitos, círculos de pedra, alinhamentos solares em diferentes culturas, a pedra erguida registrava o tempo das colheitas, das festas e das crenças.

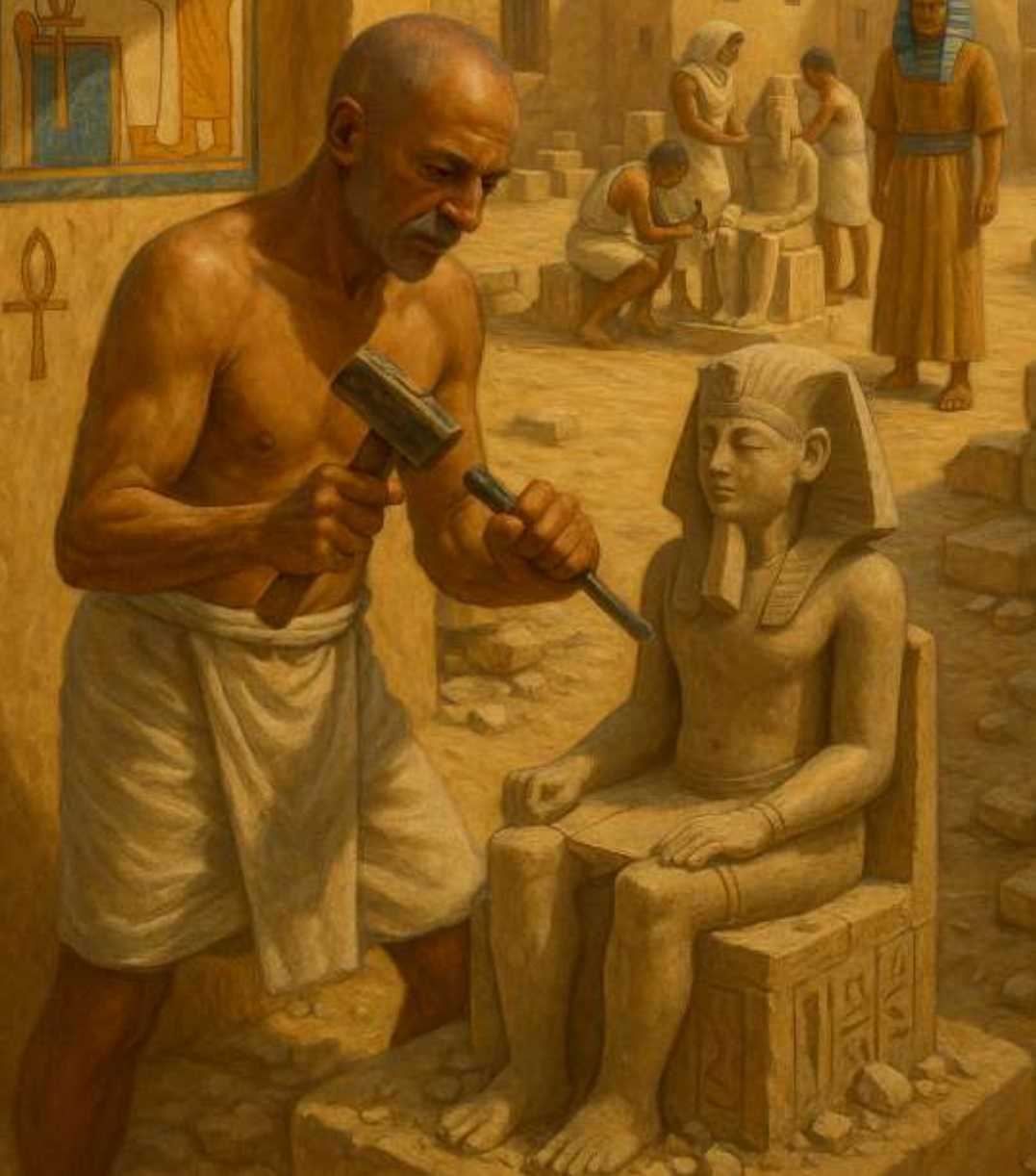
Essa vontade de transformar o caos da matéria em ordem permanece viva até hoje, como um impulso ancestral inscrito em nossa alma.

Com o tempo, surgiram as primeiras sociedades organizadas de trabalho, e algumas dessas sociedades transformaram a observação da natureza em técnica.

O que começou como simples empilhamento de pedras evoluiu para cálculo, geometria e proporção, raízes remotas do ofício que, séculos depois, chamaremos de arte dos pedreiros livres, ou freemasons.

No Egito Antigo, às margens do Nilo, a construção em pedra alcançou um grau de sofisticação ímpar, pois havia escolas, mestres e oficinas onde se ensinava a cortar, encaixar, polir e decorar.

Surgiu um local especial para o sepultamento dos Faraós, e não estou falando das pirâmides, mas de um local chamado Vale dos Reis, um local escondido entre montanhas em que eram feitas as tumbas reais.



Nas imediações do Vale dos Reis, durante o reinado de Ramsés, floresceu uma comunidade singular chamada em egípcio, **Set Maat**; em árabe moderno, **Deir el-Medina**.

Era uma cidade murada, reservada, habitada por cerca de 32 famílias de artesãos altamente especializados.

Eles tinham hierarquias, regras e direitos e escavavam a rocha para construir tumbas reais, mas também as adornavam com pinturas e inscrições destinadas a garantir a travessia do faraó no além.

Ali se vislumbra um modelo de organização que une técnica, disciplina e sentido simbólico.

Esses artesãos funcionavam como uma irmandade.

Ensinavam seus filhos, escolhiam aprendizes, protegiam segredos tanto do ofício quanto do significado espiritual.

É uma imagem que ajuda o leitor a compreender as futuras **Lojas Maçônicas** como comunidades que reúnem trabalho e sabedoria.



Vale dos Reis — Tumba de Ramsés II



Séculos depois, em Jerusalém, teve início uma das construções mais emblemáticas da tradição ocidental, o **Templo de Salomão**.

Para realizá-la, o rei buscou alianças, madeira nobre e mestres experientes.

Os cedros vinham de Tiro; os troncos chegavam ao porto de Jopa “*Jafa*” em Jerusalém.

Para conduzir a obra, foi chamado **Hiram Abiff**, arquiteto renomado, cujo nome se tornaria central na tradição maçônica.

O relato bíblico sobre as colunas, os materiais e as medidas deixou no imaginário ocidental a imagem de um templo que é mais do que uma construção física, é um arquétipo de sabedoria, força e beleza.

A Maçonaria simbólica, ao reinterpretar essa tradição, transformou o templo em um **modelo espiritual**, uma metáfora para o aprimoramento moral e filosófico do ser humano.



Ao narrar o templo, a Maçonaria une história e lenda. O propósito não é comprovar, mas **ensinar por símbolos e parábolas**.

O templo torna-se, assim, o reflexo de uma construção interior e o aprendiz é convidado a lapidar sua própria pedra bruta.

Os fenícios, povo navegante e comerciante, espalharam pelo Mediterrâneo seus saberes de construção, suas técnicas e seu gosto pelo refinamento.

Esse intercâmbio entre o Oriente e a Grécia antiga abriu caminho para o surgimento das ordens arquitetônicas e dos princípios estéticos que influenciariam toda a Europa.

Mais ao oeste, Roma organizou os **collegia** (corporações de ofício) e levou sua engenharia a todos os cantos do império: estradas, muralhas, aquedutos, templos.

Desse ambiente nasceram tratados técnicos, métodos de ensino e o ideal romano de **utilidade, firmeza e beleza**, que moldaria a arquitetura europeia durante séculos.

Com a queda do Império, muitos mestres buscaram refúgio em áreas mais seguras.



Nas margens do Lago de Como, na Itália, surgiram os **mestres Comacinos**, considerados um elo essencial na transição entre o legado romano e o estilo românico.

Foram eles que preservaram técnicas como abóbadas, arcos e colunas. São um elo precioso na cadeia do nosso ofício.

Na Britânia, a **muralha de Adriano** ainda marca a antiga fronteira do Império Romano.

Ao norte dela, povos livres viviam fora da influência direta de Roma, o que favoreceu trocas, invasões e, mais tarde, alianças.

Com o passar dos séculos, surgiram reis que incentivaram o ofício dos pedreiros.

Um deles foi **Athelstan**, que, em **York**, reuniu artesãos, arquitetos e sábios para planejar cidades, muralhas, igrejas e estradas.

O antigo **Poema Regius**, o mais antigo documento maçônico conhecido, guarda a lembrança desse tempo e do apreço pela geometria como arte nobre.



Lago de Como — Ao norte de Milão — Itália

Muralha de Adriano — Povos Bárbaros e Romanos



Poema Regius (também conhecido como *Halliwell Manuscript*, de 1390:

*"Um nobre rei, de nome Athelstan,
Que amava a ciência e todo bom artífice,
Mandou reunir grande assembleia,
Em York, na terra da boa Britânia.
Ali estavam mestres e companheiros,
De muitos reinos e de muitas terras,
E por conselho sábio e de coração leal,
Fizeram leis para todos manterem fiel juramento."*

É assim que a construção se torna, mais do que um ofício,
uma **coluna moral da sociedade**.

A cidade de York é um verdadeiro **canteiro de séculos**,
sua catedral foi construída, reparada e ampliada por
gerações e, junto a ela, funciona até hoje uma oficina de
pedreiros, onde cada artesão marca a pedra que talhou
como se assinasse sua contribuição à história.

A poucos passos dali, a antiga **Casa dos Mercadores**
acolhia reuniões, decisões cívicas e comércio.



Catedral de York — 2023

Canteiro — Guilda de Pedreiros Operativos ao Lado da Catedral



A união entre o ofício da pedra e as corporações mercantis explica como o trabalho técnico se transformou em **escola de caráter**.

É neste contexto que a Maçonaria especulativa encontra uma de suas raízes mais profundas.

Ao norte da Inglaterra, a tradição continuou viva. A Loja de **Kilwinning** é uma das mais antigas.

Edimburgo organizou sua **Grande Loja**. Muitos documentos se perderam ou foram redescobertos, gerando debates históricos.

Mas o essencial permanece, na **Escócia**, o encontro entre artesãos e homens cultos moldou a **Maçonaria de aceitos**, isto é, homens que, mesmo sem serem pedreiros, eram aceitos por compartilharem os valores e ideais da Ordem.

Com a união das coroas inglesa e escocesa, o rei **James VI da Escócia** tornou-se **James I da Inglaterra**. Sob seu reinado, foi publicada a chamada **Bíblia do Rei James**, cujas palavras influenciaram profundamente a cultura ocidental.

Foi esse mesmo espírito que atravessou o Atlântico com os colonos britânicos.



Levavam consigo, nas bagagens e nos corações, não somente as ferramentas do trabalho e os ideais de liberdade, mas também a chama silenciosa da fraternidade que os unia sob o compasso e o esquadro.

Na América, os maçons passaram a reunir-se em tavernas, pousadas e salas modestas, longe das pompas e formalidades das antigas Lojas europeias. Ali, o espírito de igualdade e de fraternidade encontrou terreno fértil. As distinções sociais se diluíam à luz das velas, e o trabalho simbólico, antes restrito às guildas e às elites, ganhou o vigor de uma nova nação em formação.

Nessas reuniões simples, mas repletas de propósito, revivia-se o ideal original da Maçonaria, o de homens livres construindo juntos um templo invisível de liberdade e razão. E ali, em solo novo, o antigo ofício encontrou um novo terreno para florescer, o da esperança, do progresso e da reconstrução moral do homem e da sociedade.

Foi desse encontro entre o espírito antigo e o novo mundo que nasceram as primeiras Lojas americanas, sementes que germinariam em templos de virtude, de pensamento e de cidadania, moldando silenciosamente os alicerces de uma nação que se tornaria símbolo de liberdade.





HOPE

PROGRESS

MORAL RECONSTRUCTION



ENTENDENDO A MAÇONARIA

A Maçonaria nasceu do convívio dos pedreiros medievais. Esses homens reuniam-se para conversar sobre as obras, resolver desentendimentos entre os operários e discutir pagamentos e prazos, algo muito parecido com o que hoje seria uma reunião de construtores e seus mestres de obra.

Com o tempo, formaram-se assembleias maiores, compostas pelos mestres, os chefes das construções, que se organizavam como verdadeiras associações de construtoras.

Nessas reuniões, decidiam-se os valores da mão de obra, dividiam-se as edificações disponíveis no reino e definia-se uma forma justa de manter todos empregados e em harmonia.

Essas corporações passaram a se relacionar com outras guildas comerciais e a acolher pessoas de diferentes ofícios, pois era vantajoso estar em contato com artesãos e comerciantes. Mantinham também laços próximos com o clero, por edificarem igrejas e mosteiros, e com a nobreza, por erguerem palácios, castelos e muralhas.

Com o declínio do ofício dos pedreiros especializados, surgiram diversas confrarias, algumas dedicadas a São João, outras herdeiras de tradições celtas, e outras ainda voltadas à devoção de santos locais.

Entre essas, destacou-se uma irmandade singular, formada por mestres de obras instruídos, capazes de ler, escrever, calcular e administrar, os verdadeiros precursores dos engenheiros e arquitetos modernos.

Esses mestres fundaram as **confrarias dos maçons**, que logo passaram a receber comerciantes, nobres e até clérigos.

As reuniões evoluíram, transformando-se em encontros de homens interessados em discutir política, filosofia, ciência e os assuntos do cotidiano. Em torno de uma mesa, buscavam compreender o mundo e o papel do homem dentro dele.

Com o tempo, essas confrarias estabeleceram cargos fixos.

Havia o **Guarda**, responsável por vigiar a entrada e garantir que ninguém estranho penetrasse nas reuniões, uma precaução necessária, já que se falava de impostos, decisões reais e temas comerciais delicados.

O reconhecimento dos Irmãos antes de abrir a porta tornou-se, então, uma regra essencial. Vieram depois o **Tesoureiro** e o **Secretário**, encarregados de recolher as contribuições e registrar as atas.

O líder natural do grupo era o **Mestre da Confraria**, eleito pelos demais, cuja função evoluiu para o título que conhecemos hoje como **Venerável Mestre**. Em algumas confrarias havia ainda um **músico**, que alegrava as reuniões com melodias, origem do cargo moderno de **Organista**.

Outros ofícios foram sendo incorporados, como o **Capelão**, que lia as Escrituras; o **Primeiro Diácono**, que acendia as velas e indicava a leitura do dia; e os **Vigilantes**, que transmitiam os comandos do Mestre a toda a assembleia.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, esses cargos ficaram conhecidos como *Senior Warden* e *Junior Warden*; no Brasil, como **Primeiro** e **Segundo Vigilante**.

Com o avanço do pensamento e o convívio com as ideias da **Royal Society**, das descobertas de Newton e das novas filosofias, as confrarias começaram a adotar uma ritualística, uma ordem simbólica de trabalhos que trazia disciplina e beleza às reuniões.

A estrutura dessas sessões era simples, mas cheia de significado. Em linhas gerais, seguia esta sequência:

1. Verificava-se a segurança do recinto e o posto do Guarda.
2. Confirmava-se se todos os presentes eram membros da confraria.
3. Cada um anunciava seu cargo e função, para aprendizado coletivo.
4. Transmitiam-se ensinamentos morais e exemplos de conduta.
5. Lia-se uma passagem da Bíblia.
6. Um Irmão apresentava um estudo, reflexão ou descoberta recente.
7. Dava-se espaço para que todos compartilhassem palavras ou sentimentos.
8. Concluía-se com uma lição moral ou uma passagem da Bíblia.
9. Confirmava-se novamente a vigilância do Guarda.
10. Encerravam-se os trabalhos, quase sempre seguidos de um jantar fraternal, com música e boa conversa.

Foi desse ambiente simples que nasceu o espírito da Maçonaria moderna, **uma fraternidade de homens livres e de bons costumes, unidos pelo desejo de aprender, construir e servir.**

A Herança no Rito de York

Até hoje, o ritual do **Rito de York** conserva a essência dessas antigas reuniões. O tempo trouxe novos cargos e adaptações, mas o espírito permanece o mesmo.

O **Primeiro Diácono**, por exemplo, já não precisa percorrer toda a sala acendendo velas. Ele acende somente três, junto ao altar, um gesto simbólico que recorda as luzes das antigas lojas.

Com o passar dos séculos, outros cargos foram sendo criados:

O **Segundo Diácono** verifica se todos os presentes são realmente maçons já na loja;

Os **Mestres de Cerimônias** e **Mordomos** auxiliam os Vigilantes nos trabalhos; e o **Marechal** coordena os deslocamentos e formações, lembrando as antigas tradições militares que inspiraram o Rito de York.

Cada cargo tem seu valor, e todos cooperam para os trabalhos seguirem um ritmo **natural, equilibrado e respeitoso**.

A Loja como Escola de Filosofia Prática

Com a difusão do conhecimento e o acesso às grandes obras do pensamento humano, educadores maçons organizaram planos de estudo para os três graus simbólicos: **Aprendiz, Companheiro e Mestre**, transformando a Loja em uma verdadeira escola de filosofia prática.

Entre as áreas de estudo do **Aprendiz**, destacam-se:

- **Ritualística e Liturgia:** estudo das origens operativas e especulativas da Maçonaria, do nascimento do Rito de York e da formação da Grande Loja da Inglaterra.
- **Simbolismo Maçônico:** compreensão dos símbolos da Loja, da abertura dos trabalhos e dos ritos fraternais que fortalecem o elo entre os Irmãos.
- **Filosofia Maçônica:** reflexão sobre as ferramentas simbólicas e o trabalho interior do homem, que deve talhar a própria alma como um escultor de si.
- **História Maçônica:** percurso das antigas corporações até a Maçonaria especulativa moderna.
- **Ética e Moral Maçônica:** estudo do dever, da palavra, da lealdade e do respeito mútuo.
- **Administração Maçônica:** funções de cada cargo e responsabilidades na condução da Loja.
- **Direitos, Deveres e Legislação:** o valor da obediência consciente e estudo das leis e constituição.

Desde as tavernas de pedra até as Lojas iluminadas pelo saber, a essência da Maçonaria permanece intacta, **uma reunião de homens livres e de bons costumes**, unidos pela busca do conhecimento, da verdade e do aperfeiçoamento humano.

Hoje, a luz das velas transformou-se na **luz do conhecimento**, e as paredes de pedra deram lugar às **obras invisíveis da razão e da fraternidade**.



- DEUS -

O Grande Arquiteto do Universo

Muitos, ao ouvirem falar da Maçonaria, acreditam que ela é uma religião; outros, por desconhecimento, a confundem com uma seita ou com algum tipo de culto secreto.

Nenhuma dessas ideias é verdadeira.

**A Maçonaria não é uma religião,
e não substitui a fé de ninguém.**

O que ela faz é reunir homens de diferentes crenças e caminhos espirituais sob um mesmo ideal, **a busca da verdade e da perfeição moral.**

Desde os seus primórdios, o Rito de York e as antigas Lojas inglesas se reuniam sob a invocação de Deus.

Essa presença divina é chamada entre nós de **Grande Arquiteto do Universo**, um nome simbólico e universal, que permite a cada homem compreender a divindade conforme sua própria fé.

Um Maçom pode ser católico, protestante, judeu, muçulmano, budista, espírita, hindu, ou seguir qualquer outra crença que reconheça um princípio criador.

O que não é permitido é ser ateu.

Isso não se deve a preconceito, mas à própria lógica da Ordem. A Maçonaria se baseia na fé de que o universo tem um propósito e que existe uma inteligência superior que rege a criação.

Negar isso seria negar o próprio fundamento sobre o qual a Maçonaria se apoia.

Por isso, todo candidato precisa acreditar em **um princípio criador**.

Ele pode chamá-lo de Deus, Jeová, Alá, Brahman, Buda, Tupã ou simplesmente Força Divina. O nome pouco importa.

O que importa é a crença sincera em uma causa suprema, origem de todas as coisas.

Na Loja, esse princípio é simbolizado pela sigla **G:A:D:U:**, que significa **Grande Arquiteto do Universo**.

É verdade que, ao longo da história, a Igreja Católica editou **bulas papais** proibindo seus fiéis de fazer parte da Maçonaria.

A primeira delas foi publicada em 1738 pelo Papa Clemente XII e depois reafirmada por outros pontífices, incluindo Bento XIV, Pio VII, Leão XIII e João Paulo II.

Essas bulas declaravam que o católico que ingressasse na Maçonaria estaria **automaticamente excomungado**.

Mas é importante compreender o contexto, a Maçonaria nasceu num período em que a **liberdade de pensamento** era vista com desconfiança, e muitos governos e instituições temiam que reuniões independentes de homens instruídos pudessem se transformar em forças políticas.

A Maçonaria pregava, desde cedo, algo revolucionário para a época, a liberdade de consciência, o direito de cada homem pensar, crer e expressar-se sem coerção.

Essas ideias pareciam perigosas a uma Igreja acostumada, então, a deter o monopólio da verdade espiritual.

Com o passar do tempo, muitos religiosos compreenderam que a Maçonaria não é inimiga da fé.

Há padres, pastores e até rabinos que estudaram suas obras, reconhecendo que ela não prega doutrina, mas virtude.

Ainda assim, as bulas permanecem válidas no âmbito da Igreja Católica, sendo meu dever, em nome da verdade, dizer isso claramente.

O maçom **não se opõe à religião ou à igreja**; ele entende que cada homem deve ser livre para chegar a Deus pelo caminho que sua consciência indicar.

No centro da Loja, existe uma mesa especial chamada de **Altar** e é sobre esse altar que repousa o **Livro da Lei Sagrada**, símbolo da presença de Deus e da verdade revelada.

No Rito de York, a tradição é usar a **Bíblia Sagrada**, preferencialmente na tradução do **Rei James (King James Version)**, sendo o texto mais difundido entre as Lojas de origem inglesa e americana.

Entretanto, a Maçonaria reconhece que a verdade divina não pertence a um único livro. Por isso, ao lado da Bíblia, podem estar outros textos sagrados, o **Alcorão**, a **Torá**, ou qualquer outro livro que represente a fé dos Irmãos presentes.

Assim, quando um muçulmano presta a sua Obrigação *“não chamamos de juramento no Rito de York”*, o faz sobre o Alcorão; um judeu, sobre a Torá; um cristão, sobre a Bíblia.

O altar é, portanto, um espaço de união espiritual, onde todos se encontram **sob as bênçãos do mesmo Deus**, embora O chamem por nomes diferentes.

A Maçonaria tem dois santos que simbolizam sua jornada moral e espiritual: **São João Batista e São João Evangelista**.

São João Batista representa o **fogo da purificação**, o arrependimento e o renascimento interior. Foi ele quem preparou o caminho para o Cristo, anunciando a chegada da Luz.

Por isso, é celebrado no **solstício de inverno**, quando o sol está em seu ponto mais distante, símbolo do renascimento da fé.

São João Evangelista, por sua vez, representa a **luz da sabedoria**, o amor espiritual e o conhecimento.

Seu evangelho é o mais filosófico dos quatro e fala sobre o Verbo, o princípio da criação.

Ele é celebrado no **solstício de verão**, quando a luz está em seu auge, simbolizando a criação do mundo.

Esses dois santos são considerados os **padroeiros da Maçonaria Universal**, e suas festas marcam os **ciclos simbólicos do Sol**, lembrando ao Maçom que a vida é feita de luz e sombra, de ascensão e recolhimento, e que a sabedoria está em reconhecer o ritmo da criação.

A Maçonaria não é uma religião, mas trabalha **sob as bênçãos de Deus**.

Cada sessão começa e termina com orações que solicitam inspiração, sabedoria e força para o bem.

Nenhuma decisão é tomada sem antes reconhecer que toda luz vem do Alto.

Na Loja, não se discute religião nem política partidária, porque o objetivo não é dividir, mas unir.

A fé de cada um é respeitada e honrada, e o amor a Deus, independentemente do nome que receba, é o primeiro dever do Maçom.

A GLORIA CELESTIAL



SÃO JOÃO
BATISTA

JESUS A LUZ
DO MUNDO

DEUS PAI
G.A.D.U.

SÃO JOÃO
EVANGELISTA



O ALTAR

O **altar**, uma mesa simples, mas carregada de significados, não é um altar de adoração, e sim um ponto de equilíbrio, onde o homem e o divino se encontram.

Sobre ela repousam três elementos chamados de **as Grandes Luzes da Maçonaria: o Livro da Lei Sagrada, o Esquadro e o Compasso**.

Cada um desses símbolos fala ao coração do homem e representa uma virtude que o Maçom deve cultivar.

Juntos, formam a base do Templo interior que todo iniciado é chamado a construir dentro de si.

Quando o Livro da Lei Sagrada está aberto, significa que a Luz de Deus ilumina os trabalhos.

Quando é fechado, é sinal de que o homem deve recolher-se, pois a sabedoria se retira com a ausência da Palavra.

O **Esquadro** é o instrumento que serve para traçar ângulos retos e garantir que a pedra fique firme e ajustada.

Na Maçonaria, ele simboliza a **Retidão**, a justiça do agir e o dever de conduzir a vida corretamente, sem torções nem desvios.

O Esquadro é a lembrança de que cada pensamento e cada ação devem ser medidos pelo senso de justiça e pelo amor ao próximo.

Por isso, ele repousa sobre o Livro da Lei Sagrada, indicando que a moral do Maçom deve estar sempre apoiada sobre os princípios eternos.

O **compasso** é o instrumento do traço perfeito.

Com ele, o pedreiro delimita o círculo e encontra o centro.

Para o Maçom, o compasso representa o domínio de si, a moderação dos desejos e o equilíbrio entre razão e emoção.

É com o compasso que o homem aprende a **conter seus impulsos** e a viver nos limites da virtude.

Quando o Esquadro e o Compasso estão unidos sobre o Livro Sagrado, formam um triângulo invisível, símbolo da harmonia entre corpo, mente e espírito.

Juntos, eles ensinam que o verdadeiro poder não está em mandar, mas em **governar a si**.

Em volta do altar há três velas, chamamos essas chamas de **as Três Pequenas Luzes da Loja** e elas representam o **Venerável Mestre**, o **Sol** e a **Lua**, mas também simbolizam as três virtudes que sustentam toda a criação: **Sabedoria**, **Força** e **Beleza**.

Essas luzes refletem as qualidades do **Grande Arquiteto do Universo** e recordam ao Maçom que o equilíbrio da vida depende da harmonia entre a razão, a vontade e o sentimento.

A vela da **Sabedoria** representa o **Venerável Mestre**.

Ela recorda o poder do pensamento, o dom de discernir e de guiar com justiça. É a luz que dirige os trabalhos e inspira as decisões. Assim como o Mestre conduz a Loja com prudência e clareza, essa chama simboliza o homem que governa seus pensamentos e ilumina os caminhos com o brilho da razão.

A vela da **Força** representa o **Sol**, ela é a chama da vontade e da coragem, que sustenta a obra e dá energia à vida.

O Sol ilumina o dia, aquece e alimenta, e da mesma forma essa luz recorda ao Maçom que sem perseverança e esforço não há construção duradoura. É a força do trabalho, do propósito e da fé ativa.

A vela da **Beleza** representa a **Lua**, ela simboliza a harmonia, o amor e a sensibilidade que tornam a vida agradável e justa.

A Lua não possui luz própria, mas reflete o brilho do Sol, tornando a noite serena e bela. Assim também é o papel da Beleza, refletir a luz da sabedoria e da força, unindo-as em equilíbrio e paz.

Essas três pequenas luzes permanecem acesas durante toda a sessão, recordando a cada Irmão que o trabalho só se mantém em pé quando há harmonia entre o pensar, o agir e o sentir.

Quando a reunião termina, elas são apagadas, mas a sua lição continua viva dentro de cada coração, como uma lembrança de que a verdadeira Luz da Loja é a que o homem leva consigo.

Essas três luzes são o elo entre o tempo humano e o eterno.

O **Altar** está sempre no centro da Loja porque simboliza o centro do próprio homem, o ponto onde todas as linhas da construção simbólica se encontram.

Quando o Maçom se ajoelha diante dele, não se curva a outro homem, mas à verdade que habita em seu interior. É um gesto de humildade e reverência à Luz que nele mesmo reside.

Por isso, o Altar é o lugar do silêncio, o espaço onde se presta a obrigação e se renova o propósito. Nele, a palavra se cala para a consciência falar.

É ali que o Maçom encontra inspiração, serenidade e força para continuar lapidando a si mesmo.

Mas o verdadeiro Altar não está feito de pedra, ele pulsa no coração de cada homem que vive com fé, razão e amor.

Pois cada ato justo, cada palavra sincera e cada gesto fraterno são ofertas silenciosas ao **Grande Arquiteto do Universo**, e é nesse altar invisível que se ergue, dia após dia, a mais bela de todas as obras, a **do espírito humano em busca da Luz de Deus**.



O BODE

Poucos símbolos causam tanta curiosidade entre os que olham a Maçonaria de fora quanto o **bode**.

Não há reunião pública ou conversa em que alguém não pergunte se os maçons “*adoram o bode*” ou “*guardam um bode no templo*”.

Essa ideia é antiga, divertida em parte, mas também nasceu de confusões históricas e mal-entendidos que se misturaram com lendas e brincadeiras.

Para compreender a origem dessa associação, precisamos olhar para a história com atenção e também com serenidade.

Em tempos muito antigos, antes de existir a confissão formal dos pecados diante de um sacerdote, era comum que o fiel cristão procurasse **um bode** e sussurrasse ao seu ouvido seus pecados, como se estivesse depositando neles o peso de sua culpa.

O animal então era solto para o deserto, levando simbolicamente os pecados do homem para longe.

Esse gesto, de origem judaico-cristã, tem relação com o ritual do **bode expiatório**, citado no Antigo Testamento.

Dois bodes eram oferecidos, um como sacrifício e outro enviado vivo para o deserto, levando consigo as culpas do povo.

Com o tempo, essa prática simbólica foi abandonada e substituída pela **confissão sacramental** na Igreja.

Mas a memória cultural permaneceu, e o bode continuou sendo visto como uma figura que “**guardava segredos**”.

Na tradição hebraica, os **altares que possuíam chifres**, geralmente de bode ou de carneiro, eram considerados **locais de refúgio e proteção**.

Quem se agarrava a esses chifres solicitava a misericórdia divina e a proteção contra a vingança dos homens. Assim, os chifres de bode foram, por muito tempo, um símbolo de **abrigo espiritual**.

Quando séculos depois a Maçonaria começou a ser acusada de guardar segredos, essa lembrança cultural voltou à tona, e o bode foi novamente associado à ideia de um guardião dos mistérios.

Durante a **Inquisição**, tanto os **templários** quanto, mais tarde, os **maçons** foram perseguidos e interrogados sob tortura.

Os inquisidores, ao perceberem que os maçons e templários não revelavam seus juramentos nem seus símbolos, passaram a chamá-los de “**bodes teimosos**”.

Era uma forma de zombaria cruel, mas também um reconhecimento indireto de que havia neles um tipo de fidelidade incomum, uma lealdade ao silêncio e à palavra dada.

Muitos documentos inquisitoriais descrevem os templários como homens que “*adoravam uma cabeça de bode*” ou “*um ídolo barbudo chamado Baphomet*”.

Essa acusação, porém, não passava de uma invenção.

O nome **Baphomet** apareceu pela primeira vez em depoimentos colhidos sob tortura.

Séculos depois, no século XIX, o escritor **Éliphas Lévi** desenhou a famosa imagem de uma figura com cabeça de bode, asas e corpo humano, e chamou-a de **Baphomet**.



Mas o uso dessa figura pelos templários foi uma **falsificação**.

A história mostra que quem colocou a tal **cabeça de bode no altar templário** foram inimigos da Ordem, a mando do rei da França **Felipe, o Belo**, e do seu jurista **Guillaume de Nogaret**.

O objetivo era claro: criar uma acusação absurda que justificasse a perseguição e o confisco dos bens templários.

Essa encenação foi usada para sustentar o processo de heresia contra a Ordem do Templo.

Com o tempo, a imagem do bode demoníaco foi repetida em livros, pinturas e acusações.

Mas nada disso tem relação com a Maçonaria, muito menos com o **Rito de York**, que nasceu séculos depois, em ambiente cristão, moral e filosófico.

Os maçons sempre tiveram uma característica marcante: **o bom humor**.

Sabendo serem chamados de “*bodes*” por seus inimigos, decidiram rir da acusação em vez de se ofender.

Assim surgiram confrarias do bode, pins de lapela com bodes, adesivos de automóvel e até apelidos entre Irmãos, que se chamam uns aos outros de “*bode velho*”, somente em tom de brincadeira e camaradagem.

Essa autodefesa pela alegria é uma marca da Maçonaria.

Os Irmãos transformaram o insulto em símbolo de união, mostrando que o riso também é uma forma de resistência.

O bode, portanto, **não é símbolo de adoração nem de culto**, mas somente **uma lembrança histórica** de como o homem, quando não entende nada, costuma criar lendas para preencher o vazio do conhecimento.

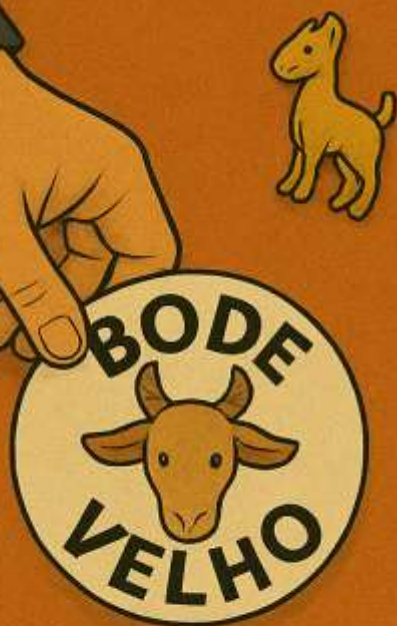
A Maçonaria, com seu espírito livre e seu senso de humor, preferiu abraçar a piada e seguir em frente.

Assim, quando você ouvir um Maçom chamando o outro de bode, não há mistério e nem segredo, é somente o riso fraterno de quem **aprendeu a rir das mentiras do passado**.

Os maçons
fazem rituais
satânicos com
bodes!



Ha HA!





AS VANTAGENS

Muitos pensam que entrar para a Maçonaria é um caminho para ficar rico. Nada mais distante da verdade.

Talvez nossas esposas, ao lerem estas linhas, não fiquem muito felizes, porque o que vou contar aqui é a mais pura verdade.

A Maçonaria não é barata. Logo no início, há gastos que fazem parte da jornada, sendo preciso ter um ou dois ternos pretos, com gravata preta.

Em algumas jurisdições, permite-se o uso de um balandrau, uma veste parecida com uma batina de padre, usada sobre a roupa comum.

Permite uniformizar e facilitar a vida do Irmão que vem direto do trabalho. Veste por cima e está pronto para o rito.

Depois vem a pasta, o avental, os botons que o Irmão vai querer comprar, e claro, a taxa de iniciação, que varia bastante, mas pode ir de um até mais de dez salários-mínimos, dependendo da Loja.

Depois há a mensalidade, que mantém o funcionamento da Loja e das obras de beneficência, o seguro de vida em grupo, obrigatório, e a taxa da potência.

E ainda as jantas semanais, sendo parte essencial da convivência fraterna.

Mas a conta não para aí, vêm as visitas a outras Lojas, onde é costume participar também das refeições e os congressos, os encontros e os eventos estaduais e nacionais.

Cada passo traz novos aprendizados, novos aventais, novos livros e, de vez em quando, uma medalha ou pin que o Irmão compra com orgulho.

Quando o Maçom avança nos graus superiores, especialmente no Rito de York, os gastos se tornam mais significativos.

Existem uniformes específicos para os graus de Cavalaria, inspirados nos antigos templários. Incluem túnica, capa, cinto, quepe, insígnias e uma espada ritualística. Um conjunto completo pode custar mais de cinco mil reais, somando o uniforme, o grau e os materiais de estudo.

É nesse ponto que algumas esposas começam a achar que a Maçonaria saiu mais cara do que esperavam.

E talvez com razão, por isso, alguns Irmãos acabam tendo de compensar com um presente ou uma viagem, o que, no fim das contas, também é uma boa forma de fraternidade doméstica.

Mas se a Maçonaria não traz vantagens materiais, o que, afinal, faz tantos homens dedicarem tempo, recursos e estudo a ela?

A resposta está nas vantagens que não têm preço.

O Maçom aprende a pensar com serenidade, a ouvir antes de julgar e a agir com mais consciência.

Descobre Irmãos que se tornam amigos verdadeiros.

Aprenda a se expressar, a compreender o valor do silêncio, a respeitar o tempo do outro e a reconhecer o próprio limite.

A Maçonaria não promete riqueza, mas entrega algo muito mais valioso, um sentido de propósito.

Ela ensina que o homem não é medido pelo que tem, mas pelo que constrói dentro de si.

A cada reunião, o Maçom é convidado a lapidar o caráter, a trabalhar a paciência e a cultivar a humildade.

Essas são as verdadeiras riquezas que o tempo não rouba; é verdade que a Maçonaria também oferece a oportunidade de conviver com homens de diferentes profissões e trajetórias, empresários, professores, advogados, comerciantes, operários, servidores públicos, aposentados.

Dessa convivência podem surgir oportunidades e até negócios; mas é importante entender com clareza que não existe nenhuma obrigação de Irmãos comprarem uns dos outros ou se favorecerem.

A Maçonaria ensina somente que, em igualdade de condições, pode-se sim favorecer um Irmão, mas isso é mais uma questão de confiança e amizade do que uma regra.

Na vida moderna, o que conta é a eficiência, o tempo e o preço, e ainda assim, é comum que, quando possível, o Maçom prefira um contador Irmão, um advogado Irmão ou comprar produtos de alguém que conhece e confia.

Não por interesse, mas porque a fraternidade cria laços de amizade e respeito.

Se um Irmão da Loja solicita ajuda e há possibilidade de ajudar, é claro que se faz.

Essa rede de apoio existe, mas é espontânea, nasce da convivência, não de obrigação.

É preciso dizer com toda clareza que a Maçonaria não é um clube de privilégios. Ela é uma escola de virtude.

Não se deve solicitar a um Irmão qualquer coisa ilegal, nem esperar favores que firam a justiça.

Quem tenta tirar vantagem ou desviar o sentido da fraternidade acaba sendo afastado, porque a Maçonaria é um espaço para o bem e para o aperfeiçoamento moral.

Entre Irmãos pode existir uma amizade verdadeira, se foi sabiamente cultivada por ambos.

Os irmãos se reúnem toda semana, conversam nos grupos de mensagens, compartilham alegrias, planejam atividades, viajam com as famílias, fazem festas, jantares e ações de solidariedade.

As esposas, chamadas de cunhadas, e os filhos, chamados de sobrinhos, também criam laços e formam uma comunidade fraterna.

Com o tempo, a Loja deixa de ser somente um lugar de reuniões e se transforma em uma segunda família.

E, como em toda família, é natural que um auxilie o outro, mas essa ajuda vem do coração, não de uma regra, mas como em toda família há também os conflitos, afinal somos humanos e não seres perfeitos de luz.

A Maçonaria é feita de homens reais, e homens reais erram e nós os chamamos de pedras brutas, imperfeitos, mas com potencial de serem melhores.

Na Loja, eles são lapidados pelo martelo de corte, um instrumento simbólico, sendo na verdade conselhos, críticas e orientações que ajudam cada um a crescer como pessoa.

Por isso, às vezes surgem Irmãos que ainda não compreenderam o verdadeiro sentido da Ordem.

Alguns buscam prestígio, outros status, e há quem entre por curiosidade.

Mas, com o tempo, a própria convivência mostra o caminho, e os que não se adaptam acabam se afastando naturalmente.

“E sim, pode sair da maçonaria sem temer nenhuma retaliação, a porta de entrada é mais estreita, mas a de saída é bem larga e qualquer irmão pode solicitar a sua saída a hora que quiser, dando motivos ou não, basta solicitar seu Quite Placet, documento de saída, e se estiver em dia com a tesouraria é cobrado a taxa de emissão do documento e expedido pela potência”

A **Maçonaria** é paciente, mas firme em seus princípios.

Seu verdadeiro retorno não está nas finanças, mas na **alma**.

O homem sincero que nela aprende torna-se **mais calmo, consciente e humano**.

As principais conquistas não estão nas insígnias, mas **no que se edifica dentro de si**.

A Maçonaria não promete ouro, **oferece conhecimento**, e essa é a única riqueza que jamais se perde.

LENDAS E CRENÇAS



LENDAS E CRENÇAS

Não poderia deixar de fora deste livro as lendas e as crenças que cercam a Maçonaria.

Quando eu era menino, meus pais me assustavam com o homem do saco, talvez uma versão distorcida do mito alemão do Irmão do mal do Papai Noel que pega as crianças más, vamos a ela, e mais uma vez nosso amigo bode aparece nessa lenda também:

Na tradição dos Alpes (Alemanha, Áustria, Suíça e norte da Itália), **Krampus** é uma criatura metade homem, metade bode, que acompanha São Nicolau (o Papai Noel original).

Enquanto São Nicolau recompensa as crianças boas com presentes, **Krampus** pune as más, com varas, correntes e um saco onde, segundo a lenda, ele as coloca para levar embora.

Essa figura folclórica representa o contraponto sombrio do Natal, o equilíbrio entre o prêmio e a punição, o bem e o mal.

Seu nome vem provavelmente do alemão *Krampen*, que significa “garra”.

Depoimento Pessoal do Autor:

Antes de entrar na Maçonaria, ouvi todo tipo de absurdo.

Disseram-me, por exemplo, que eu teria de entregar o primeiro filho, que faria acordo com o diabo, que teria de tirar sangue e beber sangue, que maçons comem criancinhas, que eram conspiradores milionários e satanistas, que fazemos magia negra.

Também ouvi que nos primeiros graus somos de Deus e que nos graus mais altos nos tornamos satanistas.

Posso falar com tranquilidade e experiência.

Fui iniciado em quinze de abril de dois mil e dois. Tenho vinte e três anos de maçonaria, todos os graus dos ritos Adonhiramita Escocês e York. Posso garantir que tudo isso é bobagem.

Mais ainda, eu mesmo nunca fui um católico praticante, e a Maçonaria me aproximou da fé de um modo que eu não esperava.

RESPOSTAS DIRETAS ÀS LENDAS

1) Tem que entregar o primeiro filho?

Resposta: Não. Nem pensar. Existem em alguns ritos e tradições uma cerimônia de apresentação ou de adoção simbólica das crianças perante a Loja, onde a Loja assume a figura de família estendida e se compromete a cuidar e apoiar a criança em caso de necessidade. Chamada de Cerimônia de adoção de Lowtons ou de adoção de Lewis “no Rito de York”.

Talvez uma má interpretação disso deu origem à história do suposto “*entregar o filho*”.

2) Tem que fazer acordo com o diabo?

Resposta: Não. Não há acordo nenhum. Se alguém promete riqueza fácil em troca de acordos, desconfie. A Maçonaria solicita trabalho, estudo e ética. Se fosse para enriquecer, eu teria arrumado a sorte de outra maneira, não com tantas taxas e aventais.

3) Tem que tirar sangue e beber sangue?

Resposta: Não. Isso não existe. O que se costuma beber no ágape é vinho, cerveja, água e, às vezes, um uísque para a celebração fraternal.

Recomendo sim que cada homem faça um exame de sangue anual em clínica para cuidar da saúde, mas isso é coisa da vida moderna e não ritual maçônico.

4) A maçonaria come criancinhas?

Resposta: É uma lenda absurda que só existe para chocar. A maioria dos maçons é casado, tem filhos, sobrinhos e todos respeitam a vida, a família e os valores.

5) Eles são conspiradores?

Resposta: No passado, houve maçons envolvidos em movimentos políticos e revoluções, assim como houve homens de influência em muitos acontecimentos.

Hoje, a Maçonaria regular proíbe a discussão de política partidária em Loja. Não somos um clube de conspiração.

Somos um grupo de estudo moral e de ação filantrópica.

6) Eles são milionários?

Resposta: Quem me dera. Há maçons ricos e maçons pobres. A fraternidade não garante riqueza. As despesas são reais e a vida moderna manda escolher sempre o mais rápido e o mais barato quando necessário.

7) Eles são satanistas e fazem magia negra?

Resposta: Não. A esmagadora maioria é religiosa; há católicos, evangélicos, judeus, muçulmanos, espíritas e outros.

A Maçonaria não apoia magia negra. A única “*magia*” que alguns maçons dominam é fazer desaparecer uma garrafa de vinho no ágape.

Ágape: é como chamamos as nossas refeições após a sessão da Loja; o termo vem do cristianismo primitivo, que passou a designar as **refeições fraternas** realizadas entre os primeiros fiéis, conhecidas como “**Banquetes Ágapes**”, nas quais se compartilhava o pão, o vinho e a fraternidade.

8) Eles têm um círculo interno e mudam de Deus nos graus superiores?

Resposta: Não! A Maçonaria não tem uma face oculta nem muda de divindade conforme os graus.

Ela usa símbolos fortes para ensinar sobre a vida, a morte, a responsabilidade e a ética.

Essas imagens são metáforas de transformação interior, não de adoração ao mal.

As interpretações distorcidas vêm, em geral, de má vontade, ignorância ou medo do desconhecido.

Na Idade Média e no início da Era Moderna, esse medo gerou perseguições e calúnias.

Acusações fantasiosas, como as feitas contra os Templários, acusados de cultuar uma “cabeça de bode”, foram somente instrumentos políticos para destruir ordens e confiscar bens.

“Sou obrigado a dizer a verdade, mesmo que me cause um certo enjoo o assunto, ao ser verdade que existiram no passado brincadeiras impróprias e trotes humilhantes em algumas lojas, aplicadas aos candidatos à maçonaria.”

Práticas assim causaram desistências e mancharam a imagem da instituição.

Hoje, porém, em todas as potências sérias, qualquer ato de constrangimento é proibido e punido com expulsão imediata.

Minha iniciação foi no Rito Adonhiramita, de origem francesa, marcado por forte simbolismo místico, e a cerimônia fala da finitude da vida e da responsabilidade do homem perante si e os outros.

Quando me retiraram a venda, vi que os Irmãos eram amigos, pessoas da minha cidade, homens de bem, e a Loja não era um lugar secreto, era a minha própria comunidade ampliada.

No Rito de York, o espírito é ainda mais acolhedor, e as cerimônias são mentais e simbólicas, jamais físicas.

Cada etapa é uma reflexão sobre o caráter, o dever e o progresso interior, dessa forma ser iniciado é, antes de tudo, um novo estado de consciência, e não uma fuga da realidade, mas um reencontro com ela.

É perceber que a verdadeira iniciação não muda o Deus do homem, mas muda o homem diante de Deus.



OS GRAUS

Antigamente, quando um jovem aprendiz de pedreiro se oferecia para trabalhar com um mestre, ele se comprometia a servir durante **sete anos**, recebendo somente **comida, vestimenta e moradia**.

Durante esse tempo, ele aprendia as técnicas de corte, medição, encaixe e cálculo, e principalmente a disciplina de obedecer ao mestre e respeitar os colegas.

Era um trabalho duro, mas era também um caminho de aprendizado, de paciência e de formação do caráter.

Na **Maçonaria moderna**, esses sete anos simbólicos se transformaram em **graus de progresso moral e intelectual**.

O homem que entra na Ordem começa como **Aprendiz**, depois se torna **Companheiro**, e por fim é elevado a **Mestre**.

Cada um desses graus representa uma **etapa do desenvolvimento humano**, como uma escada que se ascende degrau por degrau, sempre com humildade e merecimento.

Nos **Estados Unidos**, por exemplo, o sistema é distinto, pois o Aprendiz precisa “somente” **decorar todo o ritual** do seu grau para avançar. Ele precisa saber as palavras, os gestos, as lições e os diálogos simbólicos. Só após recitar tudo de memória, perante uma comissão da Loja, ele é autorizado a passar ao grau seguinte; o mesmo acontece com o Companheiro, e depois com o Mestre, que também precisa dominar o conteúdo para poder ocupar cargos e participar dos graus filosóficos.

Depois disso, lá, o estudo é individual. Cada Maçom segue seu próprio caminho, pesquisando os graus filosóficos, estudando moral, história e filosofia, muitas vezes nos altos corpos do **Rito de York “Capítulo do Real Arco, Conselho Críptico e Comanderia Templária”** ou os graus filosóficos do **Rito Escocês Antigo e Aceito**, que vai do grau 4 ao Grau 33, passando pelo Grau 18, o de Cavaleiro Rosa-Cruz, um grau extremamente cristão.

No **Brasil**, o sistema é um pouco diferente.

Na Potência à qual pertenço, por exemplo, o Aprendiz precisa cumprir uma série de requisitos para avançar: ele precisa ter **75% de presença** nas sessões do ano, **ter participado de 40 sessões de Aprendiz**, e ter **18 meses no grau**, no mínimo; além disso, ter feito **Trabalhos e apresentações** sobre temas simbólicos e morais.

E, por fim, uma **prova oral**, que chamamos de **Trolhamento**, na qual ele é avaliado por uma comissão de Irmãos.

Esse Trolhamento não é um simples exame teórico, ele mede também a **conduta moral**, a **discrição**, a **humildade** e o **espírito fraterno** do Irmão.

Muitos candidatos respondem tudo corretamente, mas são reprovados por falta de postura, por vaidade, ou por atitudes que destoam do que se espera de um Maçom.

Durante o período no grau, o Aprendiz é observado, **não para ser julgado**, mas para ser orientado.

Os Irmãos mais antigos observam seu comportamento em Loja, em casa, na vida profissional e social.

A Maçonaria não busca o perfeito, mas o **homem disposto a se aperfeiçoar**.

Aquele que não demonstra esforço, humildade ou interesse em crescer, acaba naturalmente ficando para trás.

O **Aprendiz** é o **fundamento da construção**, ele representa o homem que chegou das trevas da ignorância e começa a aprender o valor do silêncio e do trabalho.

Sua principal tarefa é **ouvir e observar**, ele aprende a medir suas palavras, a conter seus impulsos e a entender que a sabedoria nasce da reflexão.

Seu **avental** é branco, símbolo da pureza e da inocência.

Ele aprende o uso do **Martelo de Corte e da Régua de 24 Polegadas**, instrumentos do esforço e da disciplina.

O **Martelo de Corte** representa a vontade e a força a ser empregada em cada momento da vida; a **Régua de 24 Polegadas** é um instrumento temporal, onde ele aprende a medir as horas de sua vida e cuidar do seu tempo.

O Aprendiz começa a trabalhar o seu interior, a reconhecer suas falhas e a não culpar o mundo por elas.

É o tempo de moldar-se e de entender que o verdadeiro inimigo não está fora, mas dentro de si.

O **Companheiro** é o **viajante do conhecimento**, após dominar o silêncio, ele precisa aprender a falar com sabedoria; esse grau representa a juventude do espírito, o desejo de conhecer o mundo e compreender as leis que o regem.

Ele estuda as **ciências liberais**, como geometria, música, astronomia e filosofia, e entende que cada uma delas é uma ferramenta para decifrar a criação.

O Companheiro já não trabalha mais somente com as mãos, mas com a mente e o coração.

Seu **avental é branco com uma das pontas levantada**, sinal de amadurecimento e de expansão espiritual.

Ele aprende a se mover dentro e fora da Loja com equilíbrio, levando os valores maçônicos para sua família e profissão.

O Companheiro começa também a compreender o **mistério das colunas** que sustentam o templo e descobre que cada uma delas representa uma virtude que deve sustentar sua vida.

O **Mestre é o símbolo da maturidade e da responsabilidade**.

Ele aprendeu a ouvir, a falar e agora precisa aprender a **agir com justiça**.

É o guardião dos segredos e o responsável por transmitir a chama aos mais novos.

Ser Mestre não é o fim da jornada, é o começo do verdadeiro serviço.

Seu **avental é branco com bordas azuis**, indicando a perfeição simbólica e a união entre o céu e a terra.

O Mestre é chamado a trabalhar pela Loja, a ensinar, orientar e ser exemplo, não pelo discurso, mas pela conduta.

Ele aprende a compreender o **mistério da morte simbólica**, que não é o fim, mas a transformação.

Cada grau traz consigo **novos deveres e novos direitos**. O Aprendiz tem o dever de guardar silêncio, respeitar os Irmãos e participar com assiduidade; o Companheiro tem o dever de estudar, questionar e aprofundar o conhecimento simbólico; o Mestre tem o dever de servir e orientar, colocando a Loja e a fraternidade acima de si.

Nem todos avançam, e é importante dizer que nem todos os maçons avançam de grau. Alguns desanimam, outros não cumprem os requisitos, e outros são reprovados por conduta ou falta de amadurecimento.

Isso não é punição, é o reflexo natural de um caminho que exige disciplina e vontade.

A **Maçonaria** não é um clube de títulos, mas **uma escola de almas**.

E, como toda escola, só transforma quem está disposto a aprender.

Ser Maçom é **aprimorar-se continuamente**, é estudar, refletir e lapidar-se em silêncio, porque o verdadeiro progresso não se mede em cargos, mas em **caráter**.

“Nenhum homem é mais nobre que o seu próprio esforço em tornar-se melhor.” — Sêneca



RITO DE YORK

AMOR
FRATERNAL,



ALIVIO,
VERDADE

OS RITOS MAÇÔNICOS

Para quem olha de fora, é comum ouvir falar que existem “*vários tipos*” de maçonaria.

Na verdade, **a Maçonaria é uma só**. O que muda é o **rito**, isto é, a forma como o mesmo ideal é vivido e celebrado.

Podemos comparar os ritos a várias coisas do cotidiano.

Assim como existem **colunas de ordens diferentes na arquitetura** dórica, jônica, coríntia, toscana e compósita com capitéis variados, mas todas sustentando o mesmo teto, assim também os **ritos maçônicos** são modos diferentes de sustentar a mesma construção espiritual.

Ou, se preferir outro exemplo, pense nos **vestidos femininos**. Cada época teve seu modelo, alguns longos, outros curtos, outros rendados, outros lisos; mas todos têm a mesma função, **vestir com elegância**.

Ou ainda nas **línguas**, o português, o espanhol e o italiano vieram do latim. Soam diferentes, mas guardam a mesma raiz.

Assim também os ritos, cada um nasceu em um tempo e lugar, refletindo a cultura, a filosofia e até as circunstâncias políticas do momento histórico em que floresceu.

Apesar do nome, o **Rito Escocês Antigo e Aceito** não nasceu na Escócia, e sim **na França**.

Isso aconteceu porque a Maçonaria chegou à França trazida por maçons escoceses exilados, e os franceses passaram a chamá-lo de “rito dos escoceses”.

O Rito Escocês Filosófico é o mais praticado no mundo, e também o mais místico. Ele foi criado em uma época em que a França fervilhava de ideias esotéricas, alquímicas e filosóficas.

A alquimia estava em moda, e muitos símbolos foram incorporados às iniciações.

Assim, elementos como **o sal, o enxofre, o galo (símbolo do despertar)** e as **provas dos quatro elementos terra, fogo, água e ar** tornaram-se parte das cerimônias.

Essas provas têm origem simbólica e representam a purificação do homem, que morre para o mundo profano e renasce para a luz do conhecimento.

Por isso, a iniciação nos ritos de origem francesa costuma parecer mais intensa, com um toque teatral e filosófico que impressiona os sentidos e a imaginação.

O **Rito Adonhiramita**, também francês, surgiu do mesmo movimento cultural que deu origem ao Rito Escocês.

Recebeu esse nome por causa de uma publicação que descrevia a Maçonaria francesa como descendente de **Adonhiram**, o tesoureiro e cobrador de impostos do rei Salomão.

Enquanto a Maçonaria inglesa e escocesa tinha como figura central **Hiram Abiff**, o arquiteto do Templo, os franceses escolheram outro personagem bíblico, Adonhiram, para representar o lado administrativo e racional da construção.

Era o espírito francês querendo deixar sua marca, criando algo diferente dos ingleses, e claro, com um toque mais poético e simbólico.

O Rito Adonhiramita se desenvolveu até a Revolução Francesa e guarda traços de misticismo, moral e religiosidade típicos do ambiente filosófico do século XVIII.

É um rito elegante, cheio de alegorias, que fala muito ao coração e à imaginação.

Ainda na França, depois da revolução, surgiu o **Rito Francês Moderno**, chamado simplesmente de “Rito Moderno” pelos franceses.

Ele foi uma resposta às mudanças sociais da época, um rito mais racional, voltado ao pensamento científico e à liberdade.

Enquanto o Rito Escocês e o Adonhiramita buscavam a luz pela fé e pelo simbolismo, o Francês Moderno buscava a luz pela razão e pela filosofia.

O **Rito de York** nasceu na Inglaterra, na cidade de **York**, o coração histórico da Maçonaria.

Foi dali que saíram os antigos “Maçons Livres” e dali também partiram as ideias que formaram a Maçonaria americana.

Quando o Rito de York chegou aos Estados Unidos, ele se misturou com o espírito prático dos maçons militares ingleses, escoceses e irlandeses que serviam nas colônias.

Eles se reuniam em **barracas de campanha** e **tavernas**, e suas Lojas tinham uma estrutura mais simples, direta e sem o misticismo francês.

Foi assim que nasceram as **Blue Lodges**, as Lojas Azuis, chamadas assim porque os três primeiros graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre) são simbolizados pela cor azul dos aventais dos Mestres, enquanto as Lojas filosóficas do Rito Escocês e do Real Arco, as duas vertentes de escolas filosóficas, usam em seus graus superiores aventais vermelhos.

Essas Lojas formam o **núcleo básico do Rito de York**, também chamado nos Estados Unidos de **Craft Masonry**, a “Maçonaria de Ofício”.

O Rito de York é, portanto, o **mais pragmático** de todos.

Ele não busca o modo teatral das provas elementais, nem o mistério das alegorias místicas “pelo menos nos graus simbólicos”, é um rito de **trabalho, moral e clareza**.

Na iniciação do Rito de York, o candidato não é “*morto simbolicamente*”, como ocorre nos ritos franceses.

Ele é recebido **como um novo Irmão**, em uma cerimônia de acolhimento e compromisso.

A ideia de *“morte e renascimento”* aparece somente no grau de Mestre, e mesmo assim de forma simbólica e serena, voltada ao ensinamento moral, não ao terror ritual.

Por vir dos acampamentos militares ingleses, o Rito de York preserva alguns cargos típicos do ambiente militar, como o **Capelão**, que faz as orações, e o **Marechal**, que coordena os deslocamentos dos Irmãos em Loja.

Esses cargos são exclusivos do York e refletem sua origem entre homens de fé e disciplina.

O Rito de York chegou ao Brasil trazido por maçons americanos e ingleses, mas se fixou principalmente no século XX.

Hoje, ele é reconhecido como um dos ritos mais estudados e fiéis às origens operativas, praticado em todo o território nacional.

Cada rito é como uma **porta diferente que leva ao mesmo templo**.

Alguns são mais ornamentados, outros mais austeros, mas todos ensinam as mesmas virtudes.

Podemos comparar assim:

- Os ritos de origem **francesa** (Escocês, Adonhiramita, Francês Moderno) são como **óperas**, com cenário, emoção e poesia, drama, cenários, a maioria acaba em lindas tragédias de encantar a alma.

- O Rito de York é como uma **marcha inglesa**: firme, direta e sem floreios, entrega o objetivo, tem a parte filosófica, tem a parte mística, tem a parte de Deus, mas de forma mais prática.



ENTRAR NA MAÇONARIA

A forma de ingresso na Maçonaria varia sobretudo por **cultura e tradição administrativa**. Dois exemplos ajudam a ilustrar: **Brasil e Estados Unidos**.

Nos Estados Unidos, o candidato literalmente **bate à porta** de uma Loja para solicitar ingresso. Hoje há também **formulários online** (atenção a **golpistas** que se aproveitam disso, como minha mãe dizia: *“compre somente o que você procura, não o que vem te oferecer”*).

O candidato apresenta uma **ficha de inscrição**; seus dados são levantados; ele é convidado a **conhecer a Loja e os Irmãos** em eventos e confraternizações **antes** da iniciação. Se o processo for aceito, **paga-se a taxa de iniciação**.

É comum que os sindicantes **liguem para a esposa/companheira** para confirmar se o valor da taxa, da mensalidade e dos gastos anuais **não comprometerá a renda familiar**. Aprovado, marca-se a **data de iniciação**.

No Brasil, em regra, o candidato **não solicita** para ser Maçom.

Um Maçom que o conheça na vida cotidiana avalia o seu perfil e o indica à Loja. Ao fazê-lo, torna-se padrinho: seu nome fica ligado ao do afilhado, e a responsabilidade é real.

Há Irmãos com muitas indicações e Irmãos com nenhuma, é uma decisão de consciência.

Com o **nome proposto** em Loja, são lidas **informações** sobre o candidato e sua esposa/companheira, filiação, família, dados pessoais e profissionais.

Se não houver objeções, o processo segue. Há Lojas que exigem **duas ou três leituras** em sessões distintas antes de avançar.

Após a aprovação inicial, o **padrinho** informa ao candidato que o processo pode levar **meses ou até um ano**.

A **sindicância** é conduzida por uma **comissão nomeada pelo Venerável Mestre**, que investiga discretamente a vida pessoal e profissional do candidato.

O nome é então **publicado oficialmente** pela Potência para eventuais objeções. Após cerca de **90 dias**, e com parecer favorável, realiza-se o **escrutínio secreto**, onde a **unanimidade** é exigida para aprovação.

Com o resultado positivo, marca-se a **data da iniciação**.

A Loja organiza a cerimônia, recolhe a taxa e comunica à Potência para a emissão do **Placet de Iniciação** “*documento emitido pelo Grão-Mestre que autoriza o Venerável Mestre a iniciar o Candidato*”.

 **Atenção:** Lojas regulares **não solicitam pagamentos por links** nem oferecem “*iniciação rápida*”.

**Procedimentos e prazos podem variar,
conforme cada Potência.**



O QUE SE FAZ EM LOJA

“O mistério não é nada que se esconde, é algo que se revela somente a quem está pronto para compreendê-lo.”
Carl Gustav Jung.

Uma vez iniciado, o Aprendiz começa a trabalhar em Loja.

A pergunta que naturalmente surge é: o que se faz ali?

E, mais ainda: por que tanto mistério?

Este livro responderá a essas perguntas com clareza e respeito, sem jamais violar o que pertence ao domínio reservado da Ordem, os sinais, toques e palavras de reconhecimento, transmitidos de forma tradicional e simbólica.

A Origem dos sinais: Sim, eles existem. E nasceram de uma necessidade prática, não de um segredo místico.

Nos tempos medievais, os pedreiros construtores viajavam pelos reinos da Inglaterra e, mais tarde, por toda a Europa, e não havia documentos de identidade nem registros oficiais de profissão.

O que esses homens possuíam eram sinais, toques e palavras que indicavam seu nível de habilidade: aprendiz, companheiro ou mestre de obras.

Esses códigos permitiam que fossem reconhecidos e contratados em qualquer cidade, apresentando-se às antigas guildas de ofício.

Era um sistema de credenciamento humano, baseado na confiança e na tradição.

Com o tempo, esses elementos foram preservados por seu valor histórico e simbólico, tornando-se parte essencial da Maçonaria moderna.

Hoje, permanecem em sigilo, não por elitismo, mas por respeito à herança de um método que atravessou séculos ensinando ética, fraternidade e consciência.

Na atualidade, o reconhecimento entre Irmãos é feito de forma oficial e segura, com carteiras maçônicas digitais, muitas contendo QR Codes que permitem verificar diretamente no servidor da Potência a regularidade e o grau do maçom.

Assim, o símbolo e a tecnologia convivem lado a lado, o primeiro guarda o espírito, a segunda garante a ordem.

A advertência do Evangelho — *“não lanceis vossas pérolas aos porcos”* — não fala de exclusão, mas de discernimento.

Em linguagem moderna, significa: *não exponha o que é sagrado à zombaria ou ao desprezo.*

É essa mesma prudência que a Maçonaria conserva.

Os grandes segredos da Ordem não são materiais, mas vivenciais.

O que se transmite em Loja não se reduz a gestos ou palavras; é experiência, presença e aprendizado simbólico.

“A sabedoria começa no silêncio.” Khalil Gibran

O Aprendiz inicia sua jornada revisitando tudo o que viveu na iniciação.

Questões simples ganham novo sentido: Por que a venda? Por que não carregar metais? Por que cada passo e cada palavra têm um lugar?

Depois, estuda as ferramentas simbólicas, o Martelo de Corte e a Régua de 24 Polegadas, que ensinam força e medida, vontade e tempo, disciplina e constância.

Você poderia pensar: *“Mas isso é simples, qualquer livro de autoajuda fala disso.”* A diferença está no modo e no contexto.

Na Loja, o aprendizado é vivido, observado e testemunhado, não somente lido. A simbologia fala à mente, mas também ao coração.

O Aprendiz é guiado pelo 1º Vigilante, que orienta seus estudos, acolhe dúvidas e acompanha seu progresso até o momento em que possa ascender ao grau seguinte.

O Companheiro aprofunda o estudo da filosofia, das ciências antigas e das tradições espirituais.

Aprende a investigar criticamente o mundo místico, a separar o essencial do ilusório, o verdadeiro do fantasioso.

É a fase da livre investigação das verdades, com método, mente aberta e rigor.

O Mestre, por sua vez, enfrenta os grandes temas da existência, vida e morte, renascimento, transcendência e dever moral.

É o grau da responsabilidade e do serviço, onde o maçom aprende a liderar com sabedoria e administrar os trabalhos da Loja com equilíbrio.

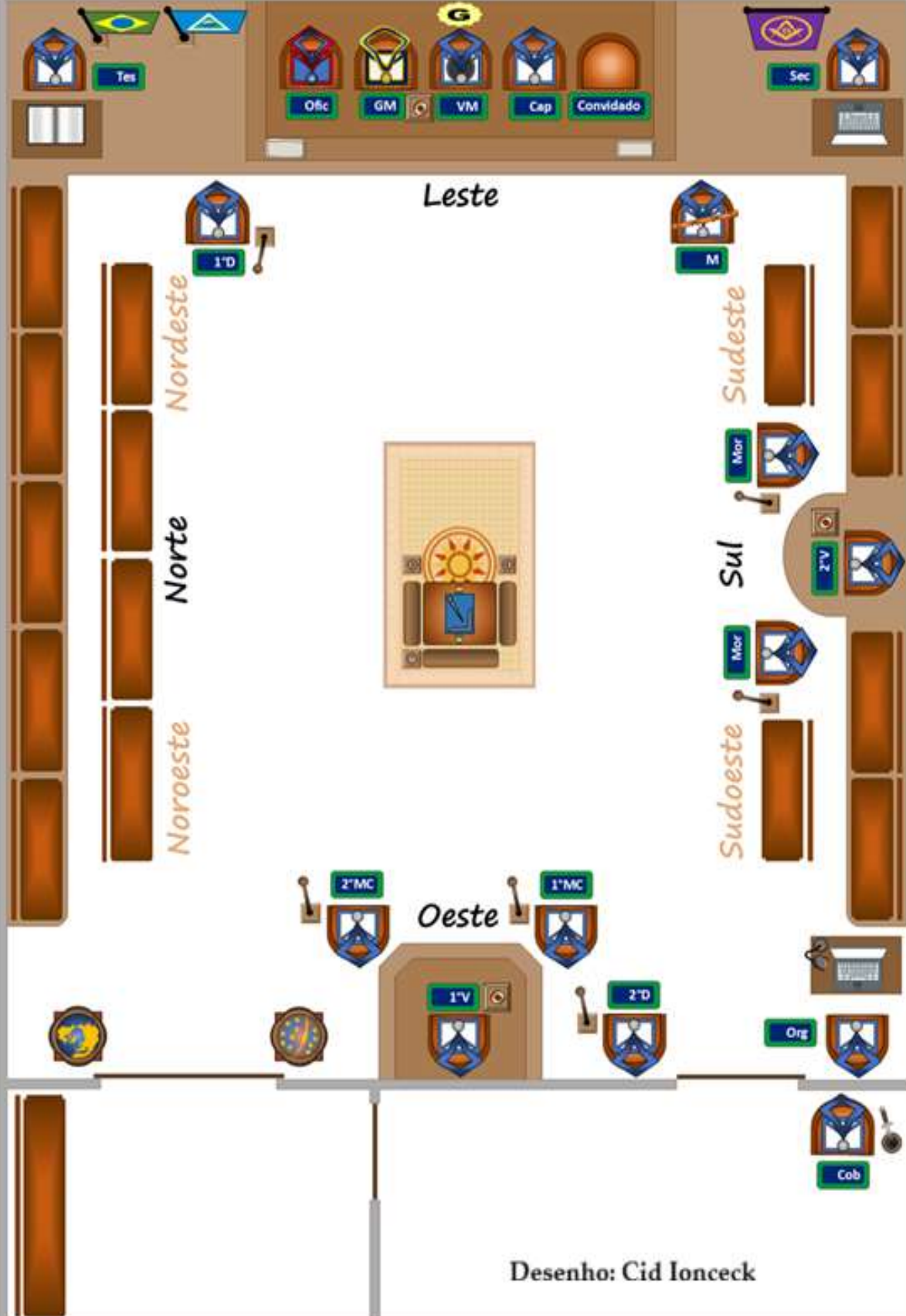
No fim, o que se faz em Loja é trabalhar sobre si.

Cada reunião é uma oficina onde o homem é o seu próprio material de construção.

O silêncio, os símbolos e as palavras servem a um único propósito: tornar o ser humano mais consciente, mais justo e mais fraterno.

“O objetivo da educação é substituir uma mente vazia por uma mente aberta.” Malcolm Forbes

A Maçonaria é isso: uma escola de vida, onde o saber não se acumula, se transforma.



COMO É UMA SESSÃO?

Ao lembrarmos os capítulos anteriores e a origem da Maçonaria, percebemos que a sequência das primeiras reuniões manteve-se praticamente inalterada.

Cinco séculos depois, no Rito de York (ou Craft/Blue Lodges), a sessão maçônica conserva quase integralmente o formato original.

Os Irmãos chegam à Loja, muitas vezes reunindo-se primeiro no anexo onde ocorrerá o ágape ou em uma sala contígua.

Cumprimentam-se com abraços ou apertos de mão e conversam sobre família, trabalho, esportes e assuntos cotidianos. É o encontro natural de um grupo fraterno.

Enquanto isso, alguns Irmãos designados preparam a Loja para a sessão: colocam a Bíblia Sagrada (ou Livro da Lei Sagrada) no Altar, dispõem o Esquadro e o Compasso, posicionam os maços usados para chamar a atenção durante os trabalhos, e colocam aventais e colares de cargo em seus devidos lugares.

Cada colar traz o símbolo do ofício, por exemplo: o Capelão ostenta a Bíblia; o Mordomo, a cornucópia, símbolo da abundância e da hospitalidade.

Após a preparação, todos ingressam na Sala da Loja e tomam seus lugares.

Os Aprendizes, Companheiros e Mestres distribuem-se ao Sul e ao Norte.

O Leste é reservado aos oficiais e autoridades convidadas pelo Venerável Mestre.

No lado externo da Loja permanece o Cobridor (Tyler), armado de espada, guardando a entrada.

O Organista prepara as músicas, hoje geralmente executadas em meio digital, mas o nome tradicional do cargo é preservado.

No Oeste, o 1º Vigilante (Senior Warden) supervisiona a ritualística e as instruções. À sua frente estão os Mestres de Cerimônias e, à sua direita, o 2º Diácono, seu arauto.

No Sul, o 2º Vigilante (Junior Warden) é acompanhado pelos Mordomos e cuida da vida social da Loja, confraternizações, família e solidariedade.

Ao Sudeste, o Marechal, de origem militar, coordena cortejos e deslocamentos durante as cerimônias.

Ao Nordeste, o 1º Diácono acende as Três Pequenas Luzes e abre o Livro da Lei Sagrada; é o arauto do Venerável e cumpre suas ordens.

No Leste, encontram-se o Tesoureiro, encarregado das finanças, e o Secretário, responsável pelas atas, correspondências e comunicações.

Ao centro do Leste, sobre o trono, está o Venerável Mestre, autoridade máxima da Loja.

À sua esquerda senta-se o Capelão, lembrando que Deus está acima de toda autoridade humana.

À sua direita, uma cadeira vazia é reservada ao Grão-Mestre (ou ao Grão-Mestre Adjunto). Mesmo ausente, ela recorda que, acima do Venerável, existe uma autoridade maior, representante da Potência.

Ao lado, podem estar sentados convidados do Venerável, como o Delegado do Grão-Mestre, o Secretário de Ritualística, o Venerável de outra Loja ou outras autoridades.

UMA NOITE EM LOJA

Quando a noite desce sobre a cidade e as luzes do Templo se acendem, os Irmãos começam a chegar.

Uns vêm sorrindo, outros trazendo no olhar o cansaço do dia, mas todos, ao cruzarem a porta da Loja, deixam do lado de fora as preocupações do mundo cotidiano.

Cumprimentam-se com abraços, palavras afetuosas e olhares de reconhecimento; são amigos que se encontram para mais do que uma reunião, para uma comunhão de propósitos.

Enquanto alguns conversam animadamente sobre família, trabalho ou acontecimentos recentes, outros sobem para preparar a Sala da Loja.

O ambiente vai ganhando forma, o Altar é disposto com cuidado, o Livro da Lei Sagrada é aberto e, sobre suas páginas, repousam o Esquadro e o Compasso, símbolos da retidão e da harmonia.

As luzes são ajustadas, hoje elétricas, é claro, mas mantêm o mesmo sentido espiritual que tinham quando eram chamas vacilantes alimentadas a óleo.

Quando tudo está pronto, os Irmãos tomam seus lugares.

O silêncio que se instala é diferente de qualquer outro: é um silêncio cheio de presença, como se o próprio ar se tornasse mais denso de significado.

O Hino Nacional é executado, lembrando que o amor à Pátria e à liberdade da consciência são virtudes inseparáveis do amor à humanidade.

Então, o Venerável Mestre, sentado ao Leste, declara iniciados os trabalhos.

Sua voz serena convida à reflexão e à harmonia fraterna.

A sessão segue seu curso natural, são lidas as comunicações, discutidos os temas do dia, partilhados estudos e reflexões.

Em certos momentos, surgem lições simbólicas, que convidam cada Irmão a olhar para dentro de si mesmo e lapidar, com paciência e humildade, a pedra bruta da própria alma.

Há também um período de instrução, talvez o instante mais elevado da noite, em que se busca compreender os símbolos, as palavras e os gestos não como formalidades, mas como espelhos de uma verdade maior.

Cada Irmão fala quando autorizado, não para impor opinião, mas para somar ideias, ampliando o entendimento coletivo.

É um diálogo que, mesmo silencioso, ecoa dentro de cada coração.

Quando chega a chamada “*Palavra*”, os Irmãos têm a oportunidade de expressar seus pensamentos, partilhar experiências e sentimentos, sempre guiados pelo respeito e pela fraternidade.

Ninguém é julgado; todos são ouvidos. É um momento de comunhão espiritual, em que se sente, mais do que se explica, o verdadeiro espírito da Maçonaria.

Por fim, a sessão se aproxima do encerramento.

O ambiente que antes se encheu de vozes e significados começa a recolher-se.

O Livro da Lei Sagrada é fechado com reverência, as luzes simbólicas são apagadas uma a uma, e o Capelão eleva uma prece simples, solicitando que a harmonia vivida ali se prolongue na vida cotidiana.

O Venerável Mestre declara encerrados os trabalhos.

A solenidade dá lugar à alegria leve da confraternização.

Os Irmãos saem juntos, muitos deles seguindo para o ágape, onde o pão e o vinho são partilhados como sinais da amizade que os une.

Entre risos, lembranças e planos para os próximos encontros, todos sabem que a verdadeira construção continua, agora fora da Loja, no grande canteiro do mundo.



GOB • CMSB • COMAB • UGLE • GLNY



REGULARIDADE

**“Regularidade é a ponte silenciosa.
entre tradições que se reconhecem.”**

Quando alguém se aproxima da Maçonaria, é comum ouvir duas palavras que soam técnicas, mas que dizem muito sobre a vida real do Maçom. **Regularidade** e **Reconhecimento**.

Em termos simples, uma Potência, seja um Grande Oriente ou uma Grande Loja, é considerada regular quando guarda certos princípios tradicionais e é, por isso, reconhecida por outras Potências regulares no mundo.

Esse reconhecimento é como um aperto de mãos que atravessa fronteiras, permite visitas, amizades formais, correspondência ritual e uma comunidade global que fala a mesma língua simbólica.

No Brasil, esse tecido de reconhecimentos se organiza, na prática, em **três famílias**.

A primeira é o **Grande Oriente do Brasil (GOB)**, uma estrutura histórica e federativa, com seus orientes estaduais.

A segunda são as **Grandes Lojas**, reunidas na **CMSB**, cada qual soberana em seu estado, com forte ênfase na tradição das Grandes Lojas norte-americanas.

A terceira é a constelação dos **Grandes Orientes Independentes**, articulados na **COMAB**, também com presença estadual e vida administrativa própria.

Dizer que uma Loja “está no circuito regular”, entre nós, costuma significar justamente isto: ela pertence a uma dessas três famílias e, por consequência, é saudada como irmã por Potências regulares no exterior.

Se tomarmos **Santa Catarina** como um mapa de bolso, a paisagem fica concreta.

Há o **GOB-SC**, ramo catarinense do Grande Oriente do Brasil; a **Grande Loja de Santa Catarina**, integrante da CMSB; e o **Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC)**, da família dos Grandes Orientes Independentes.

Cada uma com sua história, seu sotaque, sua administração e todas alinhadas ao mesmo horizonte de regularidade.

Para o visitante ou para o candidato, isso significa portas que se abrem com naturalidade em muitos templos pelo país e pelo mundo, um calendário reconhecido, e a tranquilidade de saber que aquilo que se celebra ali ecoa, com variações de rito, nos quatro pontos cardeais.

Há, sim, Lojas que não pertencem a nenhuma dessas três famílias.

Podem ser reuniões sinceras, círculos fraternos, experiências espirituais particulares; mas, **não sendo regulares**, não participam dos tratados de amizade com as Grandes Lojas norte-americanas, nem com a **Grande Loja Unida da Inglaterra**, e, por isso, vivem em outra margem do rio.

Não se trata de desmerecer, é somente reconhecer que navegam por cartas náuticas próprias.

Para quem busca o caminho mais clássico e compartilhado, o sinal seguro continua sendo a filiação ao GOB, a uma Grande Loja da CMSB, ou a um Grande Oriente Independente da COMAB.

E como, na prática, um profano pode perceber que está diante de uma **Loja séria**?

A seriedade, neste universo, raramente grita.

Ela aparece nos detalhes que não solicitam aplauso. A secretaria responde com naturalidade, informa a Potência, dá o endereço sem rodeios, convida para eventos públicos quando há ocasião.

O calendário não é um cartaz vistoso, mas um compromisso: sessões que acontecem, iniciações que não viram espetáculo, instalações tratadas com a sobriedade de quem honra a casa.

Há estudo, trabalhos breves, bem-preparados, que saem das mãos dos próprios Irmãos; e há silêncio respeitoso, que não é segredo teatral, mas educação da palavra.

Antes de qualquer passo, alguém senta com o candidato e expõe custos e deveres com clareza, sem prometer retornos mágicos, sem vender facilidades, sem confundir filantropia com marketing.

A filantropia, aliás, aparece como serviço continuado: um projeto com começo, meio e recomeços, acompanhado pela Loja, sustentado por mãos discretas. Não se vê ostentação; vê-se constância.

No salão de ágapes, a família encontra seu lugar.

As cunhadas sabem a quem recorrer em caso de imprevistos; os filhos, quando presentes, aprendem sem sermão, observando gestos. A diversidade de idades e ofícios cria uma conversa que atravessa gerações.

E, quando a política do mundo bate à porta, a Loja a recebe com o mesmo protocolo com que despede a tempestade: sem proselitismo, sem transformar o templo em palanque; lembrando que ali se aprende a conviver, não a vencer.

Há, por outro lado, sinais que solicitam cautela.

A Loja que evita dizer a qual Potência pertence, que usa símbolos como vitrines de vaidade, que promete “atalhos” de ascensão, que confunde WhatsApp com assembleia, que transforma cada sessão em selfie, essa Loja, mesmo que barulhenta, talvez não seja a casa onde o Trabalho silencioso floresce.

O mesmo vale para agendas esparsas, estudos rarefeitos, fofocas que trocam a régua pela régua da maledicência. Seriedade não é sisudez; é fidelidade ao essencial.

Regularidade, no fim, é menos um carimbo que um compromisso.

Ela permite que um Maçom de Criciúma seja recebido em Nova Iorque como Irmão e um viajante de fora entre em Florianópolis e encontre, atrás de uma porta simples, os mesmos símbolos cobrindo o mesmo altar.

Escolher uma Loja séria é escolher a qualidade dessa travessia: a companhia com quem você cruzará noites e anos, o tom das conversas que o moldarão, o cuidado com que sua família será olhada quando a vida apertar.

Se você está diante do primeiro convite, respire.

Pergunte com serenidade a qual Potência aquela Loja pertence. Leia uma página do calendário. Ouça uma palestra.

A Maçonaria regular, seja no GOB, na CMSB ou na COMAB, é uma escola lenta e profunda.

E a Loja séria é aquela que, ao fim da noite, lhe dá não respostas prontas, mas vontade de voltar porque, de algum modo, você pressente que a ponte entre trevas e luz se constrói um passo de cada vez, e sempre em boa companhia.

United Grand Lodge of England (UGLE)

<https://www.ugle.org.uk>

Grand Lodge of New York

<https://nymasons.org/>

GOB — Grande Oriente do Brasil

<https://www.gob.org.br>

CMSB — Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil

<https://cmsb.org.br/>

COMAB — Confederação Maçônica do Brasil

<https://comab.org.br/>

GOSC — Grande Oriente de Santa Catarina (COMAB)

<https://gosc.org.br/>

MRGLSC Grande Loja de Santa Catarina (CMSB)

<https://mrglsc.org.br/>

GOB-SC, Grande Oriente do Brasil em Santa Catarina

<https://gob-sc.org.br/>



CLUBES?

A Maçonaria é, antes de tudo, uma ordem iniciática, entra-se por rito, progride-se por graus simbólicos, trabalha-se com símbolos e alegorias para lapidar o caráter.

Há regularidade (ligação a uma Potência reconhecida) e vida ritual dentro de um templo, com ofícios, calendário e disciplina.

É uma escola lenta de virtudes, de estudo e convivência, não um atalho para status, negócios ou favores.

Clubes de serviço (Rotary, Lions e congêneres) são maravilhosos no que se propõem: filantropia, liderança cívica e networking aberto.

Não têm iniciação simbólica, não trabalham graus, não possuem altar, nem guardam a mesma linguagem ritual.

Reúnem-se em restaurantes, auditórios, sedes sociais; pautam a prática por metas e projetos, não por símbolos.

São, portanto, diferentes da Maçonaria: podem até partilhar valores (ética, beneficência), mas não são Maçonaria.

Ordens Paramaçônicas vivem ao redor das Lojas, nunca dentro delas.

Nascem para a educação de jovens e integração familiar, com patrocínio e acompanhamento de maçons, mas não conferem condição maçônica.

Exemplos clássicos: Ordem DeMolay, Filhas de Jó, Arco-Íris para Meninas.

Em alguns contextos, há também corpos Paramaçônicas de adultas(os) ligados à vida das Lojas (p.ex., fraternidades femininas de apoio).

Todos fazem um belo trabalho de formação cívica, ética e comunitária, mas não são Maçonaria, nem substituem a iniciação regular.

Há ainda ordens iniciáticas não maçônicas, Rosacruz, Martinismo, grupos templários modernos, escolas esotéricas, cada qual com seus méritos e caminhos próprios.

Não são Maçonaria, porque não se assentam na cadeia de regularidade maçônica, nem na sua estrutura simbólica de Loja e de graus simbólicos conforme a tradição.

Se quiser uma imagem simples, a Maçonaria é um templo, rito, símbolos, ofícios, regularidade e uma pedagogia moral que dura décadas.

O clube de serviço é uma praça pública organizada com projetos, metas, governança aberta.

A ordem paramasônica é o pátio da casa, espaço de formação e acolhimento para os que caminham juntos, sem ser a casa em si.

E por que essa distinção importa? Porque promessas confundem.

Se alguém vende “Maçonaria” como passaporte para influência, provavelmente não é uma Loja séria.

Se um grupo sem vínculo com GOB, Grandes Lojas (CMSB) ou Grandes Orientes Independentes (COMAB) se apresenta como “mais autêntico”, é outro caminho, fora do circuito regular e de seus reconhecimentos.

Já os clubes de serviço e as ordens Paramaçônicas podem caminhar ao lado da Loja e muitos maçons servem neles com alegria, mas não substituem o trabalho simbólico que a Maçonaria realiza em Loja.



Lack
Time



Financial
Constraint



Wrong Motivation
(status,
(networking))



Lack of secrecy
and discipline



Ethical



Lack of family
support



QUEM NÃO DEVE ENTRAR

A Maçonaria é uma escola lenta. Exige décadas de presença, silêncio, estudo, serviço. Nem todo mundo está no momento adequado para isso e tudo bem dizer “*ainda não*”, é uma forma de respeito consigo, com a família e com a Loja.

Abaixo, os casos em que não é hora de entrar:

1) Falta de tempo real: Se a sua agenda já está no limite, trabalho noturno, dois empregos, estudos intensivos, filhos pequenos sem rede de apoio, a Loja virará peso. A Ordem necessita, no mínimo, uma noite semanalmente, mais leituras, ágapes, cerimônias magnas e deveres ocasionais. Se faltar, você não aprende; se for exausto, não vive o rito. Tempo é matéria-prima, sem ele, o trabalho simbólico não acontece.

2) Orçamento apertado: taxa de iniciação, mensalidades, vestimenta, deslocamentos, ágapes, eventuais viagens. Não é luxo, mas custa. Se pagar isso comprometerá aluguel, saúde, estudos dos filhos, dívidas essenciais, pare. A Maçonaria não provê um milagre financeiro. Entrar sem fôlego vira ansiedade e, cedo ou tarde, ressentimento. A régua é simples, depois das obrigações da casa, sobra o bastante para manter a Loja com tranquilidade?

3) Motivação errada: Se a ideia é status, networking, atalhos profissionais, “ter influência”, colecionar graus como figurinhas, não entre. A Loja disciplina o ego, quem chega buscando palco se frustra e atrapalha os demais. A motivação adequada é íntima e silenciosa, servir, estudar, melhorar-se, viver valores com constância. Se isso não acende em você, respeite o seu próprio não.

4) Saúde emocional fragilizada: luto recente, burnout, dependências ativas, crises familiares sérias, transtornos sem acompanhamento, tudo isso solicita cuidado e pausa. A iniciação é um marco emocional; a vida em Loja exige estabilidade mínima para conviver, ouvir e calar sem ferir-se (ou ferir). Terapia, tratamento, tempo, é mais nobre adiar do que romper no meio.

5) Falta de apoio em casa: A Maçonaria não é concorrente da família. Se sua companheira/companheiro não concorda com o ingresso por tempo, por orçamento, por princípios, negociem até ficar claro. Entrar às escondidas fere a confiança e sabota a experiência. Quando a casa diz “agora não”, a resposta madura é: “OK, mais adiante.

6) Dificuldade com sigilo e disciplina: Se você tem impulso de postar tudo, fazer “print” de conversas, transformar cada vivência em conteúdo, a Loja vai doer. Discrição não é capricho; é parte da pedagogia.

Também não combina com quem não suporta regras simples de vestimenta, pontualidade, tempo, presença, dedicação, e estatutos e leis, o ritual é forma e a forma educa.

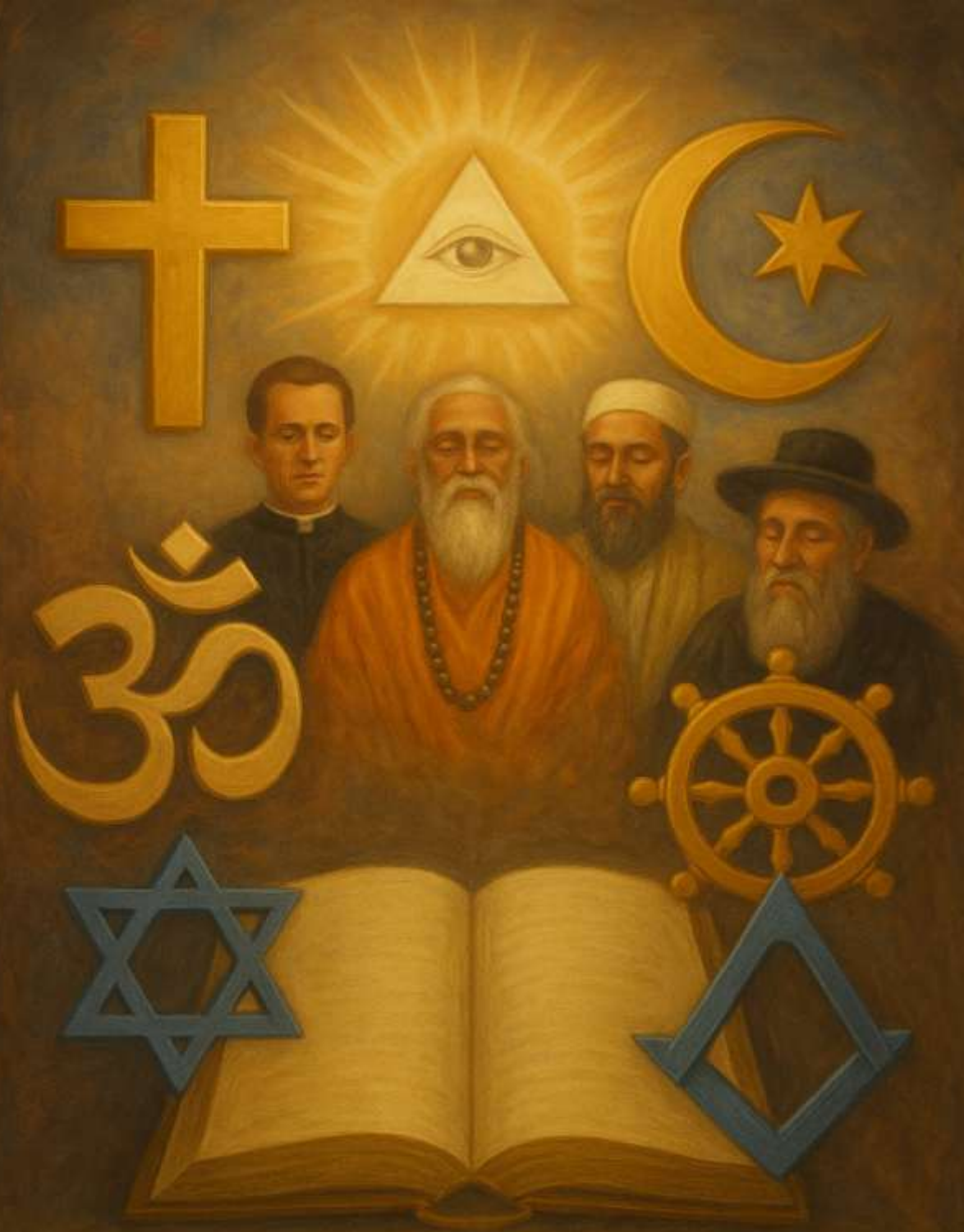
7) Incompatibilidade ética: Se você relativiza honestidade, brinca na fronteira da lei, topa “atalhos” que prejudicam terceiros, a Maçonaria não é o seu lugar. Aqui, reputação não se veste, constrói-se. E o templo não compactua com meios tortos “para fins nobres”.

O “ainda não” é um ato de maturidade. Se faltam equilíbrio entre tempo, dinheiro, família e paz interior, ou se a motivação está no ganho pessoal e não no serviço, é sinal de que não é o momento certo.

A pressa, o desinteresse pelo rito e a ética condicionada à aparência também indicam imaturidade.

Dizer “não agora” é sábio, pois a Maçonaria e a vida esperam o tempo certo de cada um.

O essencial é agir com coerência, respeitando o próprio caminho e os valores que se ama.



QUESTÕES DE FÉ

No templo, cada um chega com a própria história de fé, há quem traga o terço, quem recite um salmo de memória, quem encontre Deus no silêncio, quem o busque na dúvida honesta.

A Loja não exige uniformidade, solicita reverência. É por isso que se fala em G::A::D::U::, o Grande Arquiteto: um nome amplo o bastante para abrigar a consciência religiosa de cada Irmão, sem transformar o altar em trincheira.

Na prática, a conciliação começa na forma. A presença do Livro da Lei sobre o altar e, quando a Loja assim decide, livros sagrados de outras tradições lado a lado, diz mais do que um discurso: aqui, a Palavra é honrada, mas ninguém impõe a sua palavra ao outro.

Orações em Loja são sóbrias e respeitosas; evitam marcar território confessional. Invoca-se o G::A::D::U:: com palavras que qualquer consciência reta pode dizer sem violência interior.

Quem deseja orar no íntimo, ora. Quem prefere o silêncio, consente com respeito. E tudo segue.

O que mantém a paz é um acordo simples, não se compara religião, não se disputa versículo, não se mede santidade. A sessão não é púlpito.

Quando um Irmão traz uma reflexão, ela busca virtudes comuns, justiça, trabalho, caridade, temperança, não dogmas particulares.

Se, por zelo, alguém desliza para o discurso de conversão, o Venerável o traz de volta com gentileza à trilha simbólica, “fale-nos do caráter, do exemplo, do que edifica a todos”.

Também ajuda lembrar que a Maçonaria educa pela ritualidade, a forma comum disciplina o impulso de mandar no outro. Vestimos o mesmo avental, escutamos com a mesma paciência, falamos na mesma ordem.

O rito, nesse sentido, não apaga identidades; harmoniza.

Um católico fervoroso pode aprender com o silêncio de um Irmão espírita; um evangélico convicto pode reconhecer a retidão de um judeu; o crente que ainda tateia a própria fé pode ser acolhido sem ironia.

O templo é um laboratório de convivência que a rua, muitas vezes, não consegue oferecer.

Há, claro, limites claros. O primeiro é o respeito à consciência, ninguém deve recitar fórmulas que contradigam sua fé; ninguém tem o direito de humilhar a fé do outro. O segundo é o limite da sessão: debates sectários, religião partidária, teologias militantes, cruzadas ficam fora do templo. O terceiro é a caridade ao falar, piadas com o sagrado do Irmão, “testemunhos” usados como vara de medir, indiretas travestidas de estudo... tudo isso fere a Pedra Bruta alheia.

E quando há atrito? A Loja possui meios discretos, após a sessão, o Irmão pode procurar o Venerável ou um oficial para registrar o incômodo; abre-se espaço para um ajuste fraterno.

Quase sempre, uma conversa com humildade resolve. Se o problema persiste, há procedimentos internos sempre com caridade e sem exposição pública.

Para quem lê de fora e teme que “cada um acredita numa coisa e vira confusão”, a experiência evidencia o contrário, ao respeitar o altar comum, cresce o essencial.

O Irmão volta para casa mais atento à própria coerência do que às etiquetas dos outros. E a família nota, a fé que não briga rende gestos: chegar mais cedo, pedir perdão, servir sem anunciar.

Conciliar crenças, portanto, não é dissolver diferenças. É purificá-las no cadinho da convivência, até que brilhe o que todos entendem: a dignidade do outro, a dignidade da palavra dada, a dignidade do trabalho bem-feito.

O nome que cada um dá a isso: Deus, Eterno, Senhor, Luz, importa para o íntimo.

Na Loja, o que importa é que essa Luz nos encontre juntos, e que ninguém tente acendê-la com fósforos de disputa.





15 PERGUNTAS

1. Tenho tempo real disponível? Uma noite quinzenal (muitas Lojas, semanal), mais leituras, ágapes e cerimônias. Se isso apertar sua agenda ou espremer seu sono, melhor esperar.

2. Meu orçamento comporta-se com tranquilidade? Taxa de iniciação, mensalidades, vestimenta, deslocamentos. Se comprometer com aluguel, saúde ou estudos dos filhos, não é hora.

3. Minha família concorda? A Maçonaria não concorre com a casa. Sem consentimento claro da parceira/parceiro, o caminho começa torto.

4. Por que quero entrar de verdade? Se a resposta for status, networking ou “atalhos”, é um sinal de alerta. Se for serviço, estudo e lapidação do caráter, siga.

5. Suporto discricção e regra? Consegue guardar silêncio, evitar “prints”, vestir-se conforme, chegar no horário e falar na sua vez? Ritual é forma e forma educa.

6. Minha saúde emocional está estável? Luto, burnout, dependências ativas ou crises solicitam pausa. A iniciação é intensa; conviver exige alguma serenidade.

7. Estou pronto para caminhar devagar? Sem “graduação express”. Se você é avesso à paciência, talvez este não seja o método indicado para você agora.

8. Sei conviver com crenças diferentes da minha? Em Loja não há proselitismo. Você consegue orar (ou silenciar) sem disputar? Respeitar o sagrado do outro?

9. Tenho gosto por estudar? Breves leituras, pequenos trabalhos, curiosidade disciplinada. Sem isso, a experiência empobrece.

10. Consigo servir sem aparecer? Carregar cadeiras, lavar louça do ágape, fazer coisas pequenas bem-feitas sem plateia. Isso é parte do ofício.

11. Minha ética aguenta luz forte? Nada de atalhos, “jeitinhos”, vantagens indevidas. Se sua profissão ou círculo solicita zonas cinzentas, reflita com seriedade.

12. **Terei maturidade no uso do celular e redes?**

Nada de exposição do que é da Loja, nada de ostentação simbólica, nada de briga política em nome da Ordem.

13. **Aceito ser corrigido?** Mentoria, feedback, às

vezes um “não” no escrutínio ou no tempo de avanço. Humildade é ferramenta de trabalho.

14. **Sei lidar com frustração e conflito?**

Divergências existirão. Você topa tratar no canal certo, sem fofoca, sem “queimar” Irmão em grupo de WhatsApp?

15. **Se eu não puder ajudar com dinheiro, ajudarei**

com tempo? Filantropia é constância: presença, mãos, atenção. Você está disposto a contribuir de algum modo regular?



ETIQUETA

Participar de um evento maçônico como convidado é uma experiência marcante e deve ser vivida com respeito e serenidade. Tudo começa antes mesmo do convite. Ao ser convidado, confirme sua presença com antecedência e, se não puder comparecer, avise a organização. Uma sessão de uma Loja é planejada com cuidado.

Pergunte sobre o tipo de evento, pois cada formato tem seu próprio protocolo: palestras, jantares, sessões públicas ou beneficentes. Caso precise de algo especial, como acessibilidade ou restrições alimentares, informe com antecedência.

A pontualidade é um sinal de respeito. Chegue com tempo e apresente-se na entrada, dizendo quem o convidou.

Aguarde ser acompanhado, pois o ambiente ritualístico da Loja tem ordem e limites próprios.

Vista-se com sobriedade: trajes sociais, cores discretas e comportamento igualmente comedido. Homens devem optar por camisa social, calça de alfaiataria e sapatos fechados; mulheres, por roupas elegantes e discretas. Evite exageros e siga o código de vestimenta indicado.

No Templo, o silêncio é regra. Entre somente quando convidado e mantenha o celular desligado. Fotografias e vídeos só são permitidos com autorização. Sente-se onde orientarem e acompanhe os gestos coletivos, aplausos, saudações e momentos de silêncio. Os símbolos sobre o altar são sagrados, não os toque e não apoie objetos pessoais sobre eles.

O diálogo em eventos maçônicos deve ser respeitoso e simples. Use termos corretos como “Loja”, “Templo” e “Venerável Mestre”.

Evite perguntas sobre sinais, palavras ou rituais internos; o foco é falar de valores, educação e filantropia.

Os maçons chamam-se de “Irmãos” entre si, mas para convidados o tratamento cordial é “senhor” ou “senhora”.

Sobre fotos e redes sociais, lembre-se: o ambiente maçônico valoriza a discrição. Não fotografe no Templo sem permissão e, se for publicar algo, confirme com quem o convidou. Evite expor nomes, crianças e símbolos em destaque.

Nos ágapes, agradeça ao anfitrião e participe com naturalidade. Beba com moderação e, se houver campanha beneficente, contribua com discrição.

As conversas que enriquecem são sobre fraternidade, história e cidadania. Evite discussões políticas, religiosas ou negociações de negócios.

Caso o evento permita famílias e crianças, ensine os pequenos a manterem a calma e o respeito pelo ambiente.

Por fim, há coisas que simplesmente não se fazem, não entre no Templo sem ser convidado, não sente em cadeiras reservadas aos oficiais, não transforme a convivência em oportunidade de networking e não insista sobre segredos. Cada aprendizado tem seu tempo e lugar.

Ser convidado para uma Loja é uma honra. A melhor etiqueta é o respeito, e ele, por si só, abre todas as portas.



O QUE A MAÇONARIA NÃO FAZ POR VOCÊ

*“O templo ensina com paciência,
o que o mundo vende com pressa.”*

Por isso, antes de atravessar a porta, é justo dizer com clareza o que a Maçonaria *não oferece*, para que ninguém entre iludido.

A Maçonaria **não dá status**. Ela não é palco nem vitrine. O avental não é traje de gala, o colar não é medalha para exibição e o cargo não é degrau de poder. A verdadeira distinção vem do tempo, que grava caráter, e não títulos. Quem busca aplausos se decepciona, pois a Loja trabalha em silêncio.

Ela **não arruma negócios**. A fraternidade é laço humano, não contrato. Irmãos confiam uns nos outros, mas a Loja não é balcão, nem suas reuniões permitem negociar vantagens. O templo é lugar de construção interior, não de “networking”.

A Ordem **não oferece atalhos**. Os graus são etapas de estudo e reflexão, não promoções automáticas. Não há mérito por carisma nem diploma por simpatia. O aprendiz exige constância, paciência e repetição, virtudes raras em um mundo que valoriza a pressa.

A Maçonaria **não substitui fé nem igreja**. Ela acolhe homens de diferentes crenças, mas não define dogmas nem promete salvação. O templo é um espaço de reverência e silêncio, onde cada um busca Deus à sua maneira.

Ela **não conserta vidas por decreto**. A iniciação é um começo, não um milagre. O Maçom continua humano, com falhas e incertezas. O que muda é o olhar, o compromisso com o trabalho interior, com a palavra dada e com o serviço ao outro.

A Ordem **não legitima ilegalidade**. O avental não cobre faltas morais, e a Loja não protege culpados. Quem erra responde por si, dentro e fora do templo.

A Maçonaria **não é uma sociedade secreta de poder**. Há segredos rituais, sim, mas não conspirações. O segredo aqui é o símbolo, não a manipulação. O que se cultiva é discrição, não trama.

Ela também **não resolve agendas pessoais**. A Loja exige tempo, presença e dedicação. Se alguém já vive no limite, o ingresso só amplia o cansaço e desequilibra o que é essencial. Entrar “para ver no que dá” é desperdiçar o rito.

A Maçonaria **não uniformiza pensamentos**. Cada Irmão mantém sua liberdade de consciência e opinião. O que se compartilha são valores: respeito, escuta, prudência e moderação, virtudes que sustentam o diálogo verdadeiro.

Ela **não é ONG, nem banco, nem consultório**. A filantropia existe, mas é trabalho silencioso, não assistência permanente. Há acolhimento e conselhos fraternos, mas não tutela nem terapia.

Por fim, a Maçonaria **não confere superioridade moral**, ser Maçom não torna ninguém melhor que os de fora.

O que se ganha é um método, e método sem prática é somente palavra.



O LEMA DO RITO DE YORK

A história da Maçonaria moderna se divide em dois grandes ramos simbólicos: um nasceu sob o signo da **revolução e da filosofia iluminista**, outro sob o **espírito da fé, da moral cristã e da cavalaria**.

Na **França**, após a Revolução de 1789, as Lojas Maçônicas buscaram alinhar-se aos ideais de liberdade que varriam a Europa.

Os maçons franceses viam na nova era republicana uma libertação das antigas estruturas aristocráticas e clericais.

Assim, adotaram o lema **“Liberté, Égalité, Fraternité”** o grito da Revolução Francesa que passou a ser também o lema do **Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A.)**, consolidado em Paris no início do século XIX.

Esse lema expressa o ideal humano de emancipação: liberdade de pensamento, igualdade entre os homens e fraternidade universal. Ele representa o homem em busca da autonomia moral, da razão livre e da justiça social.

Contudo, o **Rito de York**, nascido sob outras luzes, tomou um caminho diferente.

Enquanto na França a Maçonaria se ligava ao racionalismo e à política, na **Inglaterra** e na **Escócia** ela mantinha seus laços com a **fé cristã**, a **honra da palavra dada** e os **valores da cavalaria**. O centro desse espírito era a antiga cidade de **York**, chamada por muitos de “berço da Maçonaria britânica”.

Em York, desde o século XIV, existiam corporações de pedreiros e construtores que se reuniam sob a égide de São João.

Documentos como as **Antigas Constituições de York** (Old Charges) serviram de base para os preceitos morais que seriam mais tarde incorporados pelas Grandes Lojas.

O edifício conhecido como **Merchants Adventurers Hall**, construído no século XIV, era a sede de uma influente guilda de mercadores e navegadores — homens que uniam fé, comércio e caridade.

Foi ali, segundo a tradição, que um ilustre navegante e Maçom, **Sir Francis Drake**, teria proferido um discurso que marcaria para sempre o caráter do Rito de York.

Em meados do século XVI, **Drake** era um símbolo da Inglaterra em expansão, um cavaleiro, corsário e explorador que viajava sob a bandeira de Isabel I.

Em seu discurso aos Irmãos de York, teria falado sobre a **virtude moral do homem em comunidade** e sobre o dever do Maçom de agir segundo três princípios eternos:

“Sede Irmãos no amor, sede consolo no alívio, e sede firmes na verdade.”

Essas palavras, simples e profundas, foram acolhidas pelas Lojas inglesas e escocesas como um verdadeiro **emblema da vida maçônica**.

O lema **“Amor Fraternal, Alívio e Verdade” (Brotherly Love, Relief and Truth)** passou a ser inscrito nos documentos e ensinamentos das Lojas sob a jurisdição da **Grande Loja de Toda a Inglaterra** (The Grand Lodge of All England), com sede em York, antes mesmo da unificação com a Grande Loja de Londres.

Assim, enquanto o lema francês exaltava os direitos do homem perante o Estado, o lema de York exaltava os **deveres do homem perante o próximo e perante Deus**.

Quando a Maçonaria inglesa se espalhou pelo continente americano, principalmente através dos colonos e das Lojas de militares britânicos, o **Rito de York** encontrou terreno fértil.

Na América, esse lema foi acolhido com entusiasmo pelas Lojas sob a égide da **Grande Loja da Virgínia, da Pensilvânia e de Nova York**, tornando-se uma das marcas distintivas da Maçonaria americana.

O lema “**Brotherly Love, Relief and Truth**” aparecia em manuais e instruções rituais desde o século XVIII e foi oficialmente adotado pela **Grande Loja Unida da Inglaterra (U.G.L.E.)** após 1813, reafirmando sua autoridade moral sobre o mundo maçônico regular.

No Brasil, o lema chegou com o próprio Rito de York, trazido por Irmãos norte-americanos e ingleses que fundaram as primeiras Lojas sob essa obediência no século XIX. Assim, a expressão — traduzida e reinterpretada como **Amor Fraternal, Alívio e Verdade** — passou a ser parte da tradição viva de nossas Lojas, conservando até hoje o mesmo brilho simbólico.

Amor Fraternal: O Amor Fraternal é o vínculo que une todos os maçons como filhos de um mesmo Criador. É a disposição de reconhecer o outro como Irmão, independentemente de sua condição, crença ou origem. É o amor ativo, que se manifesta em gestos, palavras e atitudes, refletindo o preceito de Cristo: “*Amai-vos uns aos outros.*”

Alívio: É talvez a mais profunda das três. Diferente de *ajuda* ou *amparo*, que podem ter um caráter material e momentâneo, o **Alívio** é um ato de **cura moral e espiritual**. Ele consiste em aliviar a dor do outro, confortar o aflito e suavizar o peso da existência humana. Alívio é mais do que dar; é **partilhar da dor** e oferecer repouso à alma cansada. Um olhar, uma palavra ou um perdão podem aliviar mais que todo o ouro do mundo.

Verdade: É a pedra angular do edifício moral do Maçom. É a fidelidade à consciência e à palavra empenhada. É o ideal da cavalaria traduzido na máxima: *“Fala a verdade, mesmo que isso te custe a vida.”* No Rito de York, a Verdade não é somente um conceito lógico; é uma **virtude divina**, que aproxima o homem do seu Criador, pois Deus é a Verdade Suprema.

O lema do Rito de York resume, em três palavras, todo o caminho iniciático do homem:

- **Amor Fraternal**, que o une aos seus Irmãos;
- **Alívio**, que o eleva pela compaixão;
- **Verdade**, que o conduz à luz da sabedoria divina.

Essas três colunas invisíveis sustentam o edifício moral da Maçonaria do Rito de York, o rito que nasceu de revelações morais, e que não ergueu barricadas, mas pontes entre os homens e Deus.



GUIA DO CANDIDATO

“Entrar não é atravessar uma porta; é aprender a abrir e fechar a mesma porta com respeito, noite após noite.”

A jornada começa em casa, com uma visita simples e humana. A sindicância não chega de surpresa, mas como chegam as conversas sérias: com hora marcada, tom calmo e um olhar que ouve.

Dois ou três Irmãos se sentam à mesa, aceitam um café e querem conhecer você além do currículo, seu ofício, seus hábitos, a forma como trata as pessoas e o ritmo real da sua vida.

Conversam também com a família, não para julgar, mas para entender se o tempo e o compromisso cabem na rotina de todos. Se há filhos, perguntam das provas, dos horários, das febres noturnas, não por curiosidade, mas por prudência.

A Maçonaria, afinal, não toma o homem para si, o inclui numa nova ordem de prioridades.

Depois vem o escrutínio, uma pequena urna onde a Loja deposita sua confiança.

O “não”, quando aparece, não é uma porta que se fecha; é um gesto de cuidado. Às vezes, um Irmão percebe um peso que você não notou, ou escuta um pedido silencioso vindo da sua própria casa.

O “não agora” é proteção, não rejeição. Voltar mais tarde, mais sereno, é sinal de maturidade.

A preparação para a iniciação começa no vestuário e na postura. Não se trata de ostentar, mas de respeitar o ambiente: roupas sóbrias, sapatos discretos, celular distante.

Chegue com antecedência, sem pressa. Fale pouco, observe muito. É normal sentir ansiedade, curiosidade, até medo. Só desconfie se não sentir nada, porque talvez ainda não tenha percebido a dimensão do passo.

O padrinho é o primeiro farol dessa travessia. Não é somente um nome na ata, mas alguém disposto a caminhar com você, responder dúvidas e, principalmente, estar presente. Ele não oferece atalhos, oferece presença, e é essa presença que acalma o coração.

Os primeiros noventa dias valem mais pelo ritmo que instauram do que pelos graus que abrem.

São noites de aprendizado silencioso, chegar antes da abertura, observar em vez de interromper, falar com precisão e reverência. Em casa, pequenas leituras semanais ajudam a reconhecer nas rotinas o reflexo dos símbolos. Na Loja, pequenos trabalhos, simples e sinceros, constroem o hábito do serviço e da gratidão.

O convívio também se aprende. A Loja é casa, não praça pública. O grupo de mensagens é extensão do templo, ali se informa, não se discursa. Respeite o silêncio dos símbolos e a ordem das palavras. Jamais exponha conversas internas ou fotografias de trabalhos: na Maçonaria, a discrição é parte da moral.

Com o tempo, o candidato descobre que as tentações são sutis, correr por graus, colecionar colares, transformar símbolos em vitrine. Mas nada disso sustenta. A vaidade sempre disfarça o vazio. O antídoto é simples: trabalhar em silêncio, servir sem holofote, ajudar a manter o templo limpo, e o coração também.

O dinheiro, tema inevitável, é tratado com naturalidade.

A Maçonaria exige investimento: taxas, roupas, viagens, jantares. Planeje-se. Não é luxo, é compromisso. E, se o orçamento apertar, lembre-se: a família vem antes da Loja.

A Ordem respeita quem é honesto com suas limitações.

A agenda também precisa conversar com a vida. Filhos pequenos, turnos noturnos, estudos ou plantões não são obstáculos, são realidades. A Loja saudável sabe negociar, o que importa é a presença sincera, não o heroísmo exausto.

O estudo é pão, não enfeite. Símbolos não servem para exibir erudição, mas para transformar atitudes. Um bom caderno e um olhar atento valem mais que bibliotecas.

E, se em algum momento a alma solicitar pausa, solicite-a sem culpa. A Loja prefere um Irmão inteiro a um candidato quebrado. A Maçonaria é caminho, não corrida; e o caminho também acolhe o descanso.

Ritos diferentes são sotaques de uma mesma língua. Cada um fala o mesmo ideal com entonações distintas. Visitar outras tradições é aprender a ouvir sem comparar. O essencial permanece igual: o altar, a luz e a fraternidade.

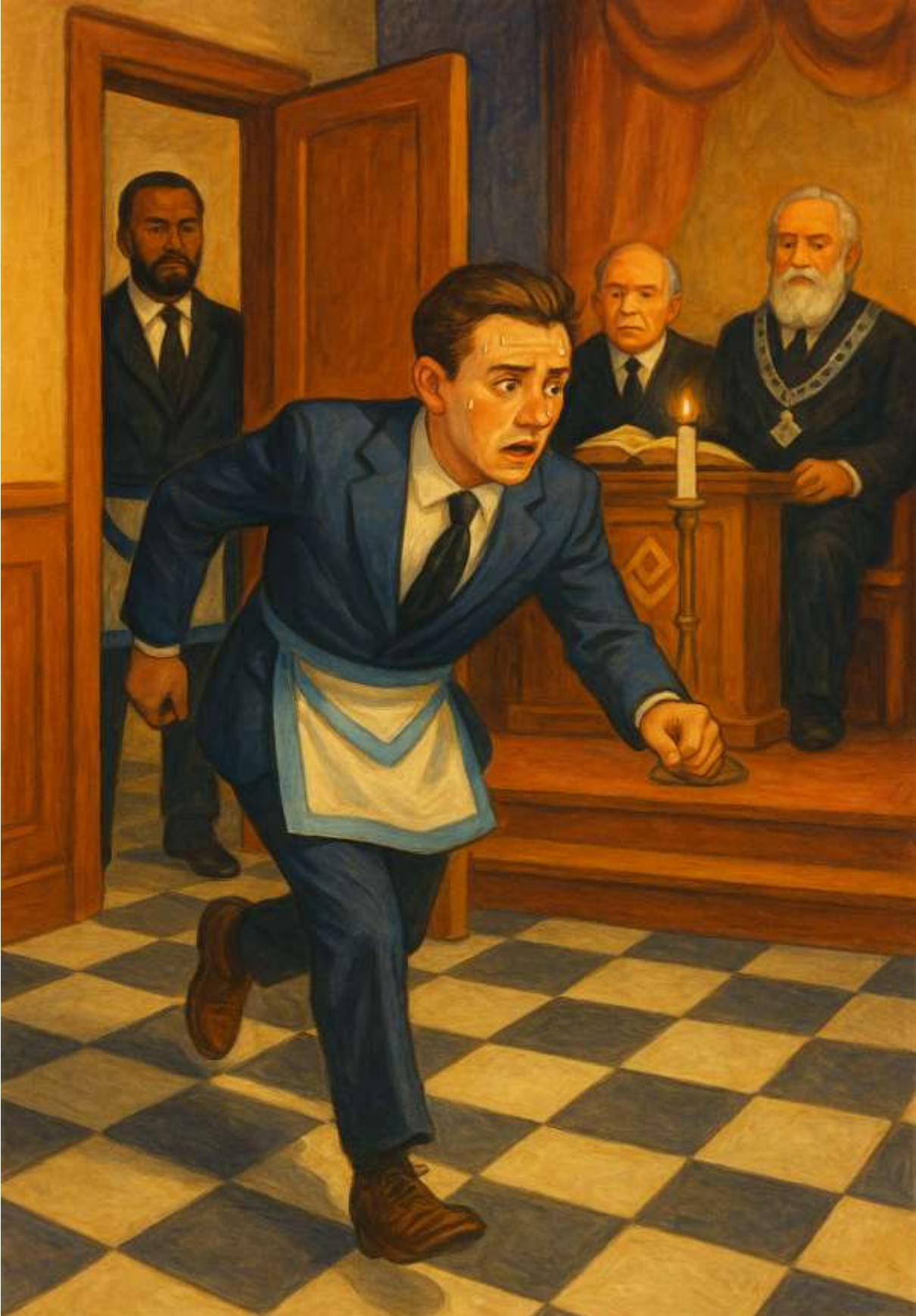
E, quando algo incomodar, porque em toda convivência há ruídos, fale com o Venerável. Não leve o incômodo ao corredor do boato, mas à porta da verdade. A Maçonaria é uma escola de diálogo; nela, o silêncio não é fuga, é escuta.

Por fim, lembre-se, servir é a forma mais nobre de pertencer. A filantropia não é caridade por aparência, mas gesto consciente.

Doe tempo, presença, e aprenda a medir o bem como se mede o próprio trabalho, com constância, humildade e mãos abertas.

Ser candidato é ensaiar uma nova forma de estar no mundo: com humildade para começar, constância para permanecer e delicadeza para conviver.

O tempo faz o resto, e o tempo, na Maçonaria, tem o dom de ensinar sem pressa o que o mundo insiste em prometer com urgência.



ERROS CLÁSSICOS

1) “O Print Inocente” *O que houve:* Irmão A, empolgado, fez print do grupo da Loja e enviou a amigos “para mostrar a organização”. *Por que é erro:* Viola a **discrição** e expõe pessoas e decisões fora de contexto. *Como corrigir:* Reconhecer o deslize no privado ao Venerável, **apagar** onde for possível, solicitar orientação sobre o uso do WhatsApp e **silenciar** notificações em sessão. Assumir um “voto pessoal” de não propagar mensagens internas.

2) “O Avental do Selfie” *O que houve:* Irmão B posou uniformizado, em área ritual, e postou com hashtags. *Por que é erro:* Torna **vitrine** o que é **templo**; confunde rito com marketing pessoal. *Como corrigir:* Remover a postagem, pedir desculpas ao Mestre de Cerimônias, **aprender o protocolo de fotografia** (somente quando autorizado, fora do Templo) e, se quiser registrar, publicar algo **sobre valores e filantropia**, não sobre si.

3) “O Palestrante de Si” *O que houve:* Irmão C transformou seu primeiro trabalho em uma autobiografia cheia de feitos. *Por que é erro:* fere a **humildade** pedagógica do grau; estudo deve servir ao **coletivo**. *Como corrigir:* Reescrever o trabalho com foco em **simbologia**.

4) “O Caçador de Cargos” *O que houve*: Irmão D, recém-iniciado, solicitou para “ajudar em tudo”, mirando colar no pescoço. *Por que é erro*: Confunde **serviço** com **ambição**; queima etapas e desgasta a Loja. *Como corrigir*: Assumir **tarefas invisíveis** (arrumar salão, lavar louça do ágape, revisar atas quando solicitado). Deixar que os **oficiais** observem constância antes de oferecer ofícios.

5) “O Missionário de Bolso” *O que houve*: Irmão E levou textos de sua denominação e tentou convencer Irmãos a “adotarem”. *Por que é erro*: **Proselitismo** em Loja quebra a paz do altar comum. *Como corrigir*: Guardar os panfletos, estudar o uso do G:A:D:U: como linguagem comum e, quando falar de fé, concentrar-se em **virtudes universais** (caridade, temperança, justiça).

6) “O Guru de WhatsApp” *O que houve*: Irmão F debateu política partidária em grupo da Loja, marcando Irmãos e solicitando posicionamento. *Por que é erro*: Desloca a Loja para a **praça de guerra**; fere neutralidade e convivência. *Como corrigir*: Encerrar o tópico, **pedir desculpas**, migrar conversas políticas para ambientes **privados** e reafirmar o compromisso de **não usar** canais da Loja para militância.

7) **“O Atrasado Perpétuo”** *O que houve:* Irmão G chegou tarde três sessões seguidas, já paramentado de casa. *Por que é erro:* Fere a **forma** ritual e desorganiza a abertura. *Como corrigir:* Chegar **20 minutos antes**, vestir-se **no Templo** (quando é a norma), e se atrasar, aguardar **orientação do Guarda** para entrada sem interromper o ritual.

8) **“O Contador de Segredos”** *O que houve:* Irmão H, sedento por pertencimento, contou a familiares detalhes que ouviu “por alto”. *Por que é erro:* mistura **curiosidade alheia** com confiança recebida; quebra a pedagogia do **silêncio**. *Como corrigir:* Conversar com o padrinho, entender **o que é público** e **o que é do templo**, e treinar respostas elegantes. “Há partes que pertencem ao rito; quando chegar sua hora, fará sentido”.

9) **“O Devoto do Fast-Track”** *O que houve:* Irmão I cobrou datas para “subir de grau” como se fosse curso modular. *Por que é erro:* Troca **formação** por **coleção**; gera ansiedade coletiva. *Como corrigir:* Combinar com o mentor um **plano de 90 dias**: assiduidade, um trabalho curto, participação em uma ação fraterna e **silêncio de aprendizado**. Deixar o **tempo** trabalhar.

10) “O Benfeitor de Holofote” *O que houve*: Irmão J doou quantia expressiva e esperou tratamento diferenciado. *Porque é erro*: **Filantropia** não compra precedência; fere igualdade simbólica. *Como corrigir*: Direcionar doações **pela tesouraria**, aceitar **anonimato** quando possível e buscar **doar tempo** com recursos.

Como evitar cair nos dez de uma vez só:

Adote um padrinho, alguém para ler seus trabalhos e ajustar o tom.

Crie um kit de bolso: pontualidade, discrição, sobriedade no vestir, silêncio no celular, perguntas em particular.

Lembre a regra de ouro do primeiro ano: mais templo, menos palco; mais serviço, menos selfie; mais ouvir, menos explicar.





A MULHER

Quando a Maçonaria moderna começou a tomar forma por volta de mil e seiscentos, a vida da mulher na Europa era dura. Em muitos lugares, ela era tratada como propriedade do pai e depois do marido. Não podia votar. Não podia escolher livremente um trabalho fora de casa. O divórcio era quase impossível.

Um clube masculino fechado a mulheres parecia natural para aquela sociedade antiga. Não era justo. Era o que havia.

Esse quadro mudou com o tempo. Na França, depois da Revolução, surgiram experiências com mulheres em círculos de estudo filosófico ligados às lojas. Vieram também lojas de adoção.

Mais tarde apareceram obediências femininas e mistas. Na França, surgiu uma Maçonaria mista que aceitou homens e mulheres sentados no mesmo espaço de trabalho.

Em outros países nasceram obediências compostas somente por mulheres. Esse movimento cresceu no século dezenove e no século vinte. Hoje existem caminhos femininos e mistos em muitos países.

No Brasil, a família chamada regular é representada por três grandes organizações.

O Grande Oriente do Brasil. A Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, que reúne as Grandes Lojas Estaduais. E a COMAB que reúne Grandes Orientes independentes.

Essas três vertentes mantêm tratados de amizade e reconhecimento com as potências regulares do mundo anglo-saxão. Em especial com a Inglaterra e com várias Grandes Lojas estaduais dos Estados Unidos. Nessa família regular, as lojas são masculinas.

Não há iniciação de mulheres nos corpos simbólicos. Essa escolha se apoia no respeito aos chamados Landmarks. São princípios tradicionais considerados imutáveis dentro dessa família.

Existem no Brasil outras potências que não pertencem a essa família regular. Há obediências femininas. Há obediências mistas. Trabalham com seriedade dentro de suas propostas. Não são reconhecidas pelas três vertentes regulares. Isso não é juízo moral. É somente o quadro de reconhecimento entre famílias maçônicas diferentes.

Landmarks são marcos antigos. Costumes e princípios recebidos da tradição. Servem como linhas que não se cruzam. Não nasceram de uma lei única escrita por todos. Foram sendo reconhecidos por autores e potências ao longo do tempo. Alguns listaram vinte e cinco. Outros reduziram. Outros ampliaram. Em comum está a ideia de preservar a identidade do ofício.

Exemplos conhecidos e aceitos na família regular:

Crer em um Princípio Criador que chamamos de Grande Arquiteto do Universo;

Ter um Livro da Lei Sagrada aberto durante os trabalhos;

Guardar os modos de reconhecimento e a forma dos juramentos;

Manter a Loja governada por um Venerável Mestre com dois Vigilantes;

Trabalhar os três graus simbólicos: Aprendiz Companheiro
e Mestre;

Preservar o caráter iniciático e discreto das reuniões;

Respeitar a tradição histórica de lojas compostas por homens;

Sobre as mulheres, a leitura regular afirma que as lojas simbólicas são masculinas. Ao mesmo tempo, várias potências regulares do mundo reconhecem que existem ordens femininas sérias. Não há visitas mútuas.

Há respeito. Em alguns países existem organizações femininas autônomas que dialogam cordialmente com a Maçonaria regular, sem intervisitação.

Mesmo nas potências regulares onde as lojas são masculinas, a presença feminina é vital na vida maçônica.

Em muitas cidades existem fraternidades de esposas e parentes que realizam obras sociais.

No Brasil, várias potências mantêm grupos organizados de cunhadas que ajudam em campanhas de agasalhos, cestas básicas, apoio a lares de idosos, visitas a hospitais.

Em alguns orientes, esses grupos têm nomes próprios. Em outros, funcionam como departamentos de ação social ligados às lojas. O espírito é o mesmo. Cuidar de quem precisa.

A convivência familiar é parte da vida maçônica, há festas, jantares, palestras abertas e noites de homenagem.

Em todos esses momentos, a presença da companhia, dos filhos e dos pais lembra ao Maçom que a virtude começa em casa. A Loja ensina que sem harmonia no lar não há templo interior que fique de pé.

É justo dizer com todas as letras. A Maçonaria regular no Brasil é masculina. Existem caminhos femininos e caminhos mistos em outras obediências no país e no exterior.

Todos merecem respeito. Cada leitor pode escolher estudar mais e formar sua opinião com serenidade.

A nossa proposta neste livro é explicar como funciona o Rito de York na família regular. Sem ocultar a história. Sem esconder as diferenças. Com carinho por quem busca entender.



AS CUNHADAS

Este pequeno anexo foi escrito especialmente para as esposas, companheiras e familiares dos maçons. Ele busca explicar, de forma simples, como funciona a vida maçônica, os horários das reuniões, os eventos abertos e o papel da família na caminhada do Irmão.

A sessão é a reunião formal dos maçons em Loja.

Ela acontece, na maioria das vezes, uma vez por semana, e o horário costuma ser das **20:00h às 22:00h**, embora seja necessário chegar pelo menos uma meia hora mais cedo, e depois da sessão, seja comum que os Irmãos participem de um **ágape**, sendo um jantar fraterno.

Por isso, o retorno para casa pode acontecer perto da **meia-noite**.

Quando o Irmão ainda é **Aprendiz**, ele participa de menos sessões, ao estar em período de estudo e adaptação.

Com o tempo, e à medida que avança de grau, ele começa a visitar outras Lojas e participar de mais atividades.

É parte natural do aprendizado e do crescimento na Ordem.

Durante a sessão, os maçons não usam o celular e não recebem mensagens.

É um momento de concentração e respeito, dedicado ao estudo moral, simbólico e espiritual. Por isso, é importante que a família compreenda esse tempo como **sagrado ao trabalho interior** do Irmão.

A Maçonaria não existe para afastar o homem da família, ao contrário, ela o ensina a ser um companheiro mais justo, um pai mais paciente e um cidadão mais consciente.

Espera-se que o Maçom leve para casa aquilo que aprende na Loja: equilíbrio, serenidade e bondade.

Ser Maçom é uma forma de servir à sociedade, mas o primeiro templo que o Irmão deve cuidar é o seu lar. Por isso, o amor, o diálogo e a harmonia em casa são vistos como o reflexo do verdadeiro trabalho maçônico.

Embora as sessões sejam reservadas aos maçons, muitos eventos são abertos à família e convidados: jantares e ágapes comemorativos; Sessões públicas de homenagens e posse de cargos; e Ações de solidariedade.

Esses momentos fortalecem os laços entre Irmãos, esposas, filhos e amigos, mostrando que a Maçonaria é uma escola de convivência e não somente de estudos simbólicos.

Em muitas cidades, há **grupos organizados de cunhadas** que participam ativamente das obras sociais.

Esses grupos colaboram em campanhas de arrecadação de alimentos, roupas e brinquedos, visitam hospitais, auxiliam famílias em dificuldade e apoiam projetos comunitários.

Toda ajuda é bem-vinda, e cada gesto de amor transforma uma vida, e as esposas e familiares são o **alicerce silencioso da Maçonaria**.

Sem o apoio, a compreensão e o carinho de quem espera em casa, o Maçom não teria a serenidade necessária para servir e estudar.

Por isso, este livro também é dedicado às mulheres que, mesmo sem usar avental, trabalham pela Luz diariamente.

A vocês, cunhadas e companheiras, o reconhecimento e o afeto sincero de todos os maçons que sabem que o verdadeiro lar é o primeiro templo da alma.



A FAMÍLIA
Antes de ser compromissos,
com Lojá, é compromisso: quem
divide mesa e teto.

A FAMÍLIA

*“Antes de ser compromisso com a Loja,
é compromisso com quem divide a mesa e o teto.”*

Naquela noite, a casa estava mais silenciosa do que de costume. A louça já repousava, a luz da cozinha acesa somente o suficiente para fazer do apartamento um porto. Ele respirou fundo, desligou o celular e pousou as mãos sobre a mesa, gesto simples de quem anuncia que veio inteiro. Ela percebeu. Não havia urgência, tampouco suspense; havia a delicadeza de quem sabe que certas conversas solicitam espaço.

Eu queria te falar de uma decisão, disse, com um sorriso pequeno, quase escolar. Tenho pensado em entrar para a Maçonaria.

A palavra ficou no ar e não caiu pesada. Ela já ouvira histórias, vira símbolos de relance, conhecia Irmãos de bem. O que não conhecia era o desenho que aquilo faria na vida dos dois.

Ele continuou:

Para mim, não é fantasia nem segredo de filme. É um método. Um jeito de estudar valores, conviver melhor, me disciplinar. Mas eu só sigo se fizer sentido aqui dentro e apontou para a casa, para o relógio na parede, para a agenda que tinha ímãs e recados.

Ela se ajeitou na cadeira, curiosa e atenta. Ele falou do tempo primeiro, como quem abre o mapa antes de sair: reuniões à noite, algumas quinzenais, outras semanais; momentos de estudo curto; um ou outro evento maior no ano, com cerimônia e jantar. Não prometeu caber tudo sempre, prometeu não forçar quando a vida solicitasse outra coisa.

E o dinheiro? Perguntou ela, sem rodeios, como quem cuida da ponte antes que ela range.

Ele não desviou os olhos. Explicou a taxa de entrada, a mensalidade, os custos previsíveis e os imprevistos que, vez ou outra, acompanham qualquer compromisso sério. Não dourou a pílula, não vendeu a ideia como investimento de retorno garantido.

Disse o que precisava ser dito: “Se isso apertar o que é da nossa casa, a Loja espera”.

Vieram então as palavras que mais assustam quem está do lado de fora: sigilo e discrição. Ele não trouxe dogmas, trouxe respeito.

Existem formas que preciso guardar. Não é porque esconda algo de você. É porque certas experiências só se entendem quando a gente passa por elas. Ainda assim, sobre o que é nossa agenda, os gastos, com quem convivo, quero ser transparente. Se algo te ferir, me fala. A prioridade é o que a gente tem aqui.

Ela respirou aliviada. Queria saber, mais do que de símbolos, de cuidados: se ele chegaria tarde, com quem voltaria, se o bairro do templo era seguro, caso um pneu furasse no caminho de volta. Ele já tinha pensado nisso: números da secretaria e da hospitalaria anotados, a rota mais iluminada entre o portão e o veículo, a combinação de uma mensagem curta de “cheguei bem” antes que o sono os tomasse.

Pequenas coisas que, quando somadas, fazem da noite um lugar habitável.

Os dois riram quando ele, meio sem jeito, confessou o desejo de que ela também participasse quando a ocasião permitisse.

Sessões públicas, palestras, alguma ação beneficente; nada imposto, tudo convite. Ela, que sempre desconfiou de lugares que tratam a família como nota de rodapé, gostou de descobrir que ali havia cadeira com o nome dela, se quisesse.

A conversa foi andando sem pressa, como se testassem o chão a cada passo. Falaram de ciúmes bobos e de ciúmes sérios, de semanas impossíveis e de semanas plácidas, de como a vida adora pregar peças em agendas muito arrumadas.

Ele se comprometeu com o óbvio que tantos esquecem: não faltar a um aniversário de criança por causa de uma reunião que possa ser adiada; não trocar um abraço necessário por um protocolo dispensável. Ela, por sua vez, disse que não queria ser guardiã de porta, queria ser parceira.

Se o caminho o tornasse mais atento, mais sereno, mais justo, estaria junto. Se o visse se perder em vaidade, seria a primeira a chamar de volta.

Então vamos combinar assim, propôs ele. A cada três meses, a gente revisa. O que funcionou? O que pesou? O que cortamos? Não quero que nada vire assunto proibido.

Ela assentiu. E, sem perceber, os dois já haviam escrito, com palavras simples, um acordo. Não em papel timbrado, mas no caderno íntimo onde a vida anota o que importa: tempo respeitado, dinheiro conversado, segurança combinada, espaço para dizer “não” sem culpa. Um acordo que prevê as tempestades inevitáveis e as atravessa sem heroísmo, só com lealdade.

Quando ele levantou para guardar as xícaras, ela o chamou de volta pelo nome e resumiu, com a clareza que às vezes falta aos tratados:

Eu não quero um marido da Maçonaria. Quero meu marido inteiro que escolhe, entre muitas coisas, também a Maçonaria. Se for assim, vai dar certo.

Ele sorriu, daquele sorriso que uma vez ou outra parece oração. Sabia que, dali em diante, cada noite de Loja começaria antes da porta do templo.

Começaria naquela mesa, naquela conversa sempre retomada, naquele lembrete silencioso de que nenhum avental vale se não couber na moldura da casa. E que, se a Ordem prometia lapidar uma Pedra, era ali, no convívio de dois, que a ferramenta evidenciaria serviço: menos pressa, mais escuta; menos palco, mais presença.

O acordo não tinha cláusulas, mas tinha regra de ouro: se a família solicitar, a Loja espera.

E ele entendeu que, ao honrar essa regra, não estaria faltando ao compromisso, estaria, na verdade, garantindo que o compromisso permanecesse verdadeiro.

Porque, no fim, o templo que nos educa não se fecha na noite; ele continua, humilde, sobre a mesa onde a gente se escolhe.





GUIA DA CUNHADA

“Quando a Loja entra na vida, não entra sozinha: chega com um novo relógio, novas vozes, novas mesas. O segredo é afinar, não competir com essa música.”

“Se a Esposa está Feliz, Todo mundo está Feliz”

A Maçonaria muda o ritmo da casa, não para pior, mas para diferente.

De repente, surge uma “noite de Loja” no meio da semana, uma ilha de silêncio e ausência onde o celular desaparece e o paletó substitui a camiseta. Logo aparecem outros compromissos: jantares, palestras, sessões magnas, congressos. É um novo calendário solicitando para conversar com o antigo.

A harmonia nasce quando o casal aprende a dançar junto esse compasso: marcar datas familiares na geladeira, bloquear fins de semana de descanso, permitir um “hoje não” sem culpa. O templo agradece quando a casa está em paz, e a casa respira melhor quando o templo tem hora adequada para voltar.

Também há custos, e não é tabu falar disso. A Maçonaria não é luxo, mas envolve taxas, roupas, viagens, pequenas despesas.

O segredo está na transparência: planilha aberta, duas colunas, casa e loja, e uma linha de equilíbrio que ambos respeitam. Nos meses de aperto, dizer “agora não” é sinal de maturidade, não de negação. Fraternidade verdadeira entende limites e admira quem sabe preservar o que é de casa.

A nova rede de relações também alcança as esposas, chamadas de cunhadas não por formalidade, mas por afeto. A Loja é uma comunidade viva, e há sempre alguém disposto a ajudar.

Quando precisar, fale com quem cuida: a Secretaria, a Hospitalaria ou o grupo de cunhadas, se houver. A regra é simples: solicitar com clareza, agradecer com sinceridade e, quando puder, ser parte da corrente não por obrigação, mas por escolha livre.

A segurança vem dos gestos pequenos: combinar carona, avisar “cheguei bem”, manter o número do templo à mão. São cuidados que acalmam o corpo e tranquilizam o coração.

Em eventos abertos, o clima é de respeito, não de desfile. Roupas discretas, gestos serenos e curiosidade atenta são mais elegantes que qualquer adorno. Se houver dúvida, pergunte ao anfitrião. As crianças, chamadas carinhosamente de sobrinhos, são bem-vindas em algumas ocasiões, e é bonito vê-las aprendendo o respeito pelo espaço sagrado e pela palavra dita em tom baixo.

Nos tempos modernos, há também os grupos de mensagens. Eles permitem combinar encontros e ajudar em campanhas, mas funcionam melhor quando lembram ser uma extensão da casa, não da praça pública. Evite polêmicas, correntes e confidências. Serenidade é o segredo da boa convivência.

As viagens fazem parte da rotina: congressos, sessões em outras cidades, encontros de Irmãos. Às vezes é bonito acompanhar, outras vezes é saudável ficar. A regra é antiga e simples: primeiro a casa, depois a Loja. E quando der, que bom que caibam juntas.

Talvez você ouça falar dos jovens DeMolay e das Filhas de Jó, organizações inspiradas na Maçonaria, dedicadas à formação moral e cívica. São opções valiosas, mas não únicas: há muitos caminhos que levam ao mesmo norte, o do serviço, da amizade e da responsabilidade.

E se, em algum momento, a Maçonaria parecer atrapalhar, é sinal de que algo precisa ser ajustado. Ausência demais, gastos descompassados, conversas monotemáticas, tudo isso tem remédio quando o casal volta a nomear as coisas: “sinto sua falta”, “precisamos rever o orçamento”, “você está distante”. A Ordem que ensina equilíbrio não deve ser vivida com desequilíbrio.

As conversas difíceis também têm seu método: fé, política e sigilo são territórios sensíveis. A fé é assunto íntimo, não catecismo; política cabe no diálogo, não na briga; e o sigilo pertence ao rito, não ao casamento. O que é do casal continua sendo do casal.

Com o tempo, você verá que a Loja traz pessoas incríveis. Algumas se tornam amigos de vida, outras somente conhecidos de evento. Tudo bem.

A amizade verdadeira se mostra nos dias comuns, e os Irmãos sinceros devolvem o marido mais sereno, não mais ausente.

Há fases mais intensas, de cargos e cerimônias, mas o equilíbrio vem do planejamento: datas de descanso, tarefas divididas e pequenas pausas que lembram o essencial. O colar pode ser honrado, mas quem dá sentido a ele é quem espera o retorno em casa.

Dizer “não” é direito e sabedoria. Há semanas em que não cabe mais um evento, e tudo bem. O amor maduro recusa sem castigo, e o homem que aprendeu o verdadeiro espírito da Loja entende que o “não” também é forma de cuidado.

Quando a vida aperta (doença, perda, crise), a Loja vira gente. A Hospitalaria aparece com gestos concretos, não discursos: visitas, ligações, apoio. Ajudar e ser ajudado faz parte da corrente. E quando o problema é do casal, não há julgamento: somente lembranças gentis de que o primeiro templo é o lar.

Os filhos, por sua vez, ganham tios que o sangue não deu. Crescem vendo homens adultos pedirem desculpas, cumprirem palavra e ajudarem discretamente. É uma lição silenciosa de caráter, mais eficaz que mil conselhos.

No fim, a Maçonaria que vale a pena não toma o marido, devolve o homem. Mais paciente, mais atento, mais sereno, e a esposa percebe que, de certo modo, também ganhou.

Afinal, entre a mesa de casa e o altar do templo, há uma ponte, e quem aprende a atravessá-la com respeito descobre que, do outro lado, continua o mesmo, somente um pouco mais consciente do que realmente importa.



A JUVENTUDE

Quando muitos jovens olham para a Maçonaria hoje, o que veem não é um caminho iniciático, mas uma instituição distante, envelhecida em suas formas e pouco disposta a dialogar com o mundo que se move diante dela.

Essa percepção não nasce da ignorância pura e simples, mas de uma sensibilidade própria de uma geração que cresceu exigindo coerência entre discurso e prática, que desconfia de estruturas fechadas e que valoriza a clareza como um gesto de respeito. Ignorar esse olhar seria um erro, pois ele não é inimigo, é um espelho que revela tensões reais entre tradição e tempo presente.

A Maçonaria surgiu em um contexto histórico muito diferente daquele que vocês habitam.

Ela foi moldada em séculos nos quais o mundo funcionava segundo outras lógicas, outros limites e outras compreensões sobre sociedade, poder e participação. Seus símbolos, seus rituais e seu silêncio nasceram como ferramentas de transformação interior, não como instrumentos de exclusão.

Ainda assim, quando essas ferramentas deixam de ser explicadas e são somente repetidas, o que era método se transforma em barreira, e o que era mistério se torna ruído.

Para quem vive em um tempo que solicita transparência, isso soa como afastamento, não como profundidade.

É compreensível que a ausência das mulheres provoque estranhamento e crítica.

O olhar jovem não julga o passado com condescendência histórica, mas com critérios éticos do presente.

Essa leitura não é um ataque gratuito, mas uma pergunta legítima sobre igualdade, coerência e pertencimento.

A Maçonaria, em seu núcleo simbólico, sempre afirmou que todos entram no mesmo nível, despojados das distinções do mundo, chamados a lapidar-se como parte de uma obra maior.

Quando a forma histórica não comunica mais esse princípio com clareza, a crítica surge como convite à reflexão, não como sentença final.

A Maçonaria não foi criada para ser um espelho do mundo, mas uma oficina onde o ser humano aprende a se

observar, a se disciplinar e a compreender que nenhuma transformação social é sustentável sem uma transformação interior.

Seu silêncio não pretende esconder verdades, mas criar espaço para que elas sejam intuídas. Seus símbolos não buscam confundir, mas ensinar por camadas, respeitando o tempo de cada consciência.

O problema surge quando esse modo de ensinar não encontra mais linguagem comum com quem observa de fora, e então o símbolo parece vazio e o silêncio parece omissão.

Vocês vivem em um tempo de excesso de informações, de discursos imediatos e de respostas rápidas.

A Maçonaria caminha no sentido oposto, propondo pausa, escuta e maturação.

Isso não a torna superior nem inferior, somente diferente.

O erro está quando essa diferença é apresentada como privilégio ou superioridade moral, em vez de ser oferecida como possibilidade de caminho.

A Maçonaria não precisa ser aceita como é, nem defendida a qualquer custo.

Ela precisa ser compreendida como um organismo histórico e simbólico que só permanece vivo quando aceita ser interrogado.

Este livro não nasce para convencer, mas para caminhar ao lado.

Não proponho que vocês abracem a Maçonaria, mas que a enxerguem para além da caricatura.

Não solicita adesão, mas compreensão.

A Ordem não se sustenta por ser antiga, mas pela qualidade das perguntas que consegue provocar.

Se hoje essas perguntas não chegam com clareza, isso não invalida o caminho, somente revela a necessidade de tradução.

Talvez o verdadeiro diálogo entre a Maçonaria e a juventude não esteja na defesa rígida de suas formas, nem na negação apressada de sua história, mas no reconhecimento de que toda obra humana precisa ser constantemente relida à luz do tempo em que é observada.

Quando tradição e juventude deixam de se enfrentar e caminham lado a lado, algo raro acontece.

A crítica deixa de ser ameaça e se torna ferramenta. O mistério deixa de excluir e convida.

E a Maçonaria, em vez de parecer um relicário do passado, pode novamente ser percebida como um espaço de busca, onde o ser humano não recebe verdades prontas, mas aprende, lentamente, a sustentar perguntas que realmente importam.



A LUZ DA
VERDADE

NAO MAÇONS

CANDIDATOS

CUNHADAS

O LIVRO

“E a Luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam.”

(Evangelho de João 1:5)

Há momentos em que a Verdade se esconde nos lugares mais simples, e a Luz que buscamos fora se revela nas páginas esquecidas de um livro. Assim foi com o menino, que nada procurava, e encontrou tudo.

O menino tinha doze anos quando ganhou seu primeiro livro: *O Pequeno Príncipe*. Leu as palavras com o coração batendo rápido: *“O essencial é invisível aos olhos”* e sentiu que havia ali algo que o mundo adulto havia esquecido, não era uma história sobre planetas, mas sobre o retorno ao coração.

Vieram outros livros, e com *Pollyanna*, aprendeu *“o jogo do contente, ou seja, há sempre algo pelo que se pode ser grato”*.

Com *Robinson Crusóé*, entendeu que a força do homem solitário *“constrói, dia após dia, um lar em meio ao nada”*.

E com *O Hobbit*, descobriu que *“o medo é o primeiro passo da coragem”*.

Leu também *Fernão Capelo Gaivota* e percebeu que “*o voo não é um movimento, mas uma decisão*”.

Na adolescência, o menino começou a ouvir as vozes dos autores como quem escuta mestres invisíveis.

Em *O Alquimista*, ouviu a promessa de que “*quando você quer algo, todo o Universo conspira para que você o realize*”.

Com C. S. Lewis, compreendeu que “*a fantasia é somente a forma que a Verdade escolhe para se esconder*”.

Com Tolkien, viu que “*o mal não se vence com força, mas com coragem silenciosa*”.

E com Dostoievski, aprendeu que “*toda alma é um campo de batalha entre a sombra e a graça*”.

De Khalil Gibran, aprendeu que “*a tristeza cava o poço onde a alegria pode nascer*”.

E com Tagore, entendeu que “*Deus respeita a liberdade do homem e, por isso, fala baixo*”.

Mas foi com *Anne Frank* que o antes menino, agora adolescente, chorou pela primeira vez.

Ela lhe mostrou que “*mesmo nas noites mais escuras, a chama da bondade humana ainda arde, fraca, mas viva*”.

E ele compreendeu que talvez a Verdade fosse isso, uma Luz pequena que resiste às trevas.

Já adulto, o menino caminhava distraído quando entrou numa livraria.

Na prateleira, um livro de capa escura o aguardava. De dentro da sombra, um fecho de luz projetava no chão o esquadro e o compasso, como se a própria sabedoria o chamasse pelo nome.

Acima da cena, em letras serenas e douradas, o título parecia respirar: **A LUZ DA VERDADE**

A tipografia era clássica, firme, como se o livro falasse em voz baixa, mas segura.

No rodapé, lia-se o nome **Flávio Dellazzana**, e o subtítulo dizia algo que o fez parar: *Um guia público para conhecer a Maçonaria*.

Parecia um convite, não uma barreira, e pegou-o por puro instinto e talvez por destino.

Ao abri-lo, senti o mesmo arrepio que tivera aos doze anos, mas agora não era a voz de um príncipe, nem de um herói, era a voz da própria alma.

As palavras pareciam escritas para ele, mas também por ele; não falavam de crenças, mas de lembranças.

Diziam haver um Templo invisível dentro de cada ser humano, e que a única pedra rejeitada é o medo de ser quem se é.

Enquanto lia, tudo o que aprendera se alinhava num só feixe de Luz.

As lições de infância e as dúvidas adultas se tornavam degraus de um mesmo caminho.

Percebeu que *A Luz da Verdade* não era um livro, era um espelho; e que aquele espelho devolvia, não o rosto, mas o coração.

Leu durante horas, sem perceber o tempo, a cada página, as fronteiras entre o texto e a vida se dissolviam.

Clarice Lispector lhe sussurrava entre as linhas:
“Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.”

E Hermann Hesse o lembrava que *“ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás atravessar”*.

Aquelas vozes, antes dispersas, agora formavam um coro.

O menino compreendeu que todos os livros do mundo são capítulos de um só, o da alma em busca de si mesma.

Fechou o livro e percebeu que o último capítulo estava em branco. Sorriu. Era o convite para ele escrever.

Pegou uma caneta e anotou: *“Hoje compreendi que a Verdade não se encontra, ela se vive.”*

O menino não sabia que *A Luz da Verdade* não fora escrita com tinta, mas com a memória da alma humana, e que cada leitor, ao tocá-la, acendia nela uma nova chama.

Agora, aquele livro repousa em sua estante, entre *O Pequeno Príncipe*, *O Nome da Rosa* e *Pollyanna*, como um tesouro que guarda um pedaço de sua alma.



ÚLTIMO CAPÍTULO

Agora é a sua vez.

Este espaço pertence à sua história.

Escreva aqui o capítulo final de *A Luz da Verdade*.

Que ele traga o que o livro despertou,

sua lembrança, seu símbolo, sua luz.

A Verdade só se cumpre quando é vivida.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

**E se você chegou até aqui, não pense ser o fim,
é somente o início de um novo despertar.**

GLOSSÁRIO

ABNEGAÇÃO: Renúncia voluntária do próprio interesse em benefício de algo maior. Na Maçonaria, é a virtude de sacrificar o ego em favor da Verdade, da Fraternidade e do Bem Comum. Ensina que a liberdade só nasce quando o homem deixa de ser escravo de si mesmo. O serviço desinteressado é o fundamento do espírito iniciático: como os antigos pedreiros que trabalhavam em silêncio, o Maçom permite que a sua obra fale por ele.

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” — João 15:13

ACÁCIA: É uma árvore, de cuja madeira foi construída a Arca da Aliança. Símbolo de imortalidade e pureza. Sobre o túmulo simbólico de Hiram Abiff, recorda-se a incorruptibilidade da virtude e a perpetuidade da alma. Seu verde perene ensina que a vida espiritual não cessa com a morte física: renasce na consciência.

ÁGAPE: Refeição fraterna realizada após a sessão, momento de convivência e instrução informal entre os Irmãos; prolonga no convívio a harmonia experimentada na Loja.

ALÇAPÃO: Símbolo da profundidade do ser. Indica a descida às camadas ocultas da própria consciência, onde o iniciado encontra o tesouro da sabedoria e a Palavra Perdida. Como o Templo de Salomão tinha compartimentos reservados, há um santuário secreto no homem, morada da centelha divina.

“Nada há encoberto que não seja revelado.” — Lucas 12:2

ALIANÇA: Vínculo sagrado entre o homem e o divino. Na Ordem, é o compromisso moral do iniciado com a Verdade e com o serviço à humanidade. A Aliança é um pacto silencioso, selado na consciência e renovado a cada trabalho em Loja.

“Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti...” — Gênesis 17:7

ALTA VENERAÇÃO: Respeito supremo aos princípios e à Tradição. Não é idolatria, mas reverência à sabedoria acumulada. Expressa-se na postura diante do Venerável Mestre nos ritos e nos símbolos, reconhecendo que a Luz não começa em nós — alcança-nos.

“Honra teu pai e tua mãe...” — Êxodo 20:12

ALTAR: Centro sagrado do Templo. Sobre ele repousam o Volume da Lei Sagrada (VLS), o Esquadro e o Compasso — tríplice emblema da revelação, da moral e da razão. É ao redor do Altar que se prestam juramentos e se renova o pacto com a Verdade.

AMOR FRATERNAL: Força que une os Maçons no ideal comum. Ultrapassa amizade e cortesia: é disposição de respeito, perdão e solidariedade. Sem fraternidade, o Templo é pedra; com ela, torna-se morada da Luz.

APRENDIZ: Primeiro grau da Loja. Representa o homem que inicia a caminhada rumo à Luz, reconhecendo a ignorância e desejando corrigir-se. Sua tarefa é o silêncio da escuta. Ao lapidar a Pedra Bruta, aprende que a construção começa dentro de si.

A.°.R.°.L.°.S.°: Augusta e Respeitável Loja Simbólica, é como se designa uma loja; ela pode receber um **B.°** (**Benemérito**) junto após um tempo de existência, normalmente 25 anos, e um **C.°** (**Centenária**) após 100 anos de existência.

ARQUITETO DO UNIVERSO (G.°A.°D.°U.°): Designação maçônica de Deus: princípio criador e inteligência suprema. “Arquiteto” evoca aquele que ordena o caos e estabelece a harmonia. Na Ordem, não pertence a um credo particular: simboliza a unidade transcendente do Ser.

AVENTAL: Distintivo do Maçom e símbolo do trabalho. Nasceu como proteção do ofício operativo e tornou-se emblema de pureza e ação correta. O branco recorda simplicidade e honestidade: cada mancha é falha moral; cada costura, virtude conquistada.

BÍBLIA (OU VOLUME DA LEI SAGRADA): Uma das Três Grandes Luzes da Maçonaria, também chamada de A Grande Luz da Maçonaria. Representa a revelação moral que orienta a consciência. Na Loja, não é dogma confessional, mas símbolo da Lei superior que governa o universo.

BOLETIM / SINDICÂNCIA: *Boletim:* publicação oficial da Potência com comunicações, atos e proposições de candidatos. *Sindicância:* investigação discreta e fraterna sobre a vida do proposto antes do escrutínio (entrevistas, referências e parecer).

CADÊNCIA: Harmonia do ritmo nos trabalhos: marchas, pausas, palavras e silêncios. Ensina constância e propósito; como o cosmos, a Loja é regida pela lei de proporção.

CÂMARA DO MEIO: Espaço simbólico de reflexão e instrução superior. Evoca maturidade espiritual e equilíbrio entre razão e fé, normalmente atribuída ao Grau de Companheiro no Rito de York.

CANDIDATO: Do latim *candidatus*, “vestido de branco”. É o não Maçom aceito para iniciar-se. O branco significa pureza de intenção e desejo de regeneração moral. Vendado e guiado, representa a alma que busca a verdade antes de conhecê-la.

NORTE — Setor do Templo tradicionalmente ligado ao 2º Vigilante; lugar do equilíbrio entre trabalho e repouso, luz e calor do meio-dia, vida social da Loja.

COMPASSO: Segunda Grande Luz da Loja. Símbolo da razão e dos limites. Ensina a traçar a circunferência moral do agir humano, moderando desejos e definindo deveres.

CORPOS DO RITO DE YORK: Conjunto de corpos iniciáticos que sucedem à Loja Simbólica: Real Arco com os graus de: Mestre de Marca, Past Master, Mui Excelente Mestre e Maçom do Real Arco; Graus Crípticos; e Ordens de Cavalaria (com destaque para o Cavaleiro Templário). Apresentam a continuidade filosófica do método do York.

CRAFT / BLUE LODGE (LOJA AZUL “por causa da cor dos aventais de Mestre”): As Lojas simbólicas dos três graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom), base de toda a Maçonaria do Rito de York.

DEUS: No caminho maçônico, é o G:A:D:U: — fonte da Lei moral, da harmonia cósmica e da vida espiritual. A aproximação dá-se pela prática das virtudes, não por definição dogmática.

OLHO ONISCIENTE: Triângulo radiante (muitas vezes com o Olho) que representa a presença e vigilância divina, a inteligência que ilumina e mede todas as coisas.

DIÁCONOS (1º E 2º) — Oficiais que servem de mensageiros e assistem o Mestre de Cerimônias na condução de cortejos e instruções; asseguram o fluxo ritual.

DISCIPLINA: Arte de governar a si mesmo. Domínio das paixões, controle da palavra e constância no dever. Liberdade orientada: querer o que é justo.

“Melhor é o homem paciente do que o valente.” — Provérbios 16:32

COLUNAS JACHIN E BOAZ: Símbolos de estabilidade e força. Representam princípios complementares (rigor e misericórdia, sabedoria e força). Entre elas, o iniciado passa, ingressando na Luz.

“Levantou as colunas diante do templo...” — 1 Reis 7:21

EDIFICAÇÃO: Construir com propósito: elevar consciências. O Maçom é pedra e construtor; a verdadeira obra é moral e coletiva — cada geração acrescenta um bloco à construção invisível da Verdade.

EGITO (OU EGÍPCIO): Sinal das antigas iniciações e, ao mesmo tempo, do mundo material e das limitações humanas. Sair do “Egito” é libertar-se da ignorância: êxodo espiritual rumo à sabedoria.

ESCRUTÍNIO SECRETO: Votação reservada para admissão e decisões sensíveis, realizada com bolas brancas e pretas; a aprovação exige unanimidade, garantindo paz e unidade.

ESQUADRO: Terceira Grande Luz da Loja. Instrumento da retidão moral e do julgamento justo; mede e corrige pensamentos e ações conforme a Lei.

ESTRELA FLAMEJANTE: Estrela com a letra “G” (em algumas tradições), símbolo da Luz divina que guia o intelecto. Recordar que ciência verdadeira é inseparável da moral.

FÉ: Confiança racional na ordem divina e na perfectibilidade do homem. Ilumina o compasso da razão, impedindo o orgulho intelectual.

“A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam.” —
Hebreus 11:1

FRATERNIDADE: Base moral da Maçonaria: comunhão espiritual entre homens livres e de bons costumes. Estende-se mesmo a quem pensa diferente, visto como Irmão em potência.

INICIADO: Aquele que atravessou o limiar do Templo e passou a ver símbolos onde antes via formas. Reinicia-se a cada grau: a Luz é progressiva.

JACÓ (ESCADA DE JACÓ) Gênesis 28:12
Escada entre céu e terra; ascensão pelas virtudes (fé, esperança, caridade; prudência, temperança, fortaleza, justiça). O último degrau perde-se na luz.

JUSTIÇA: Dar a cada um o que lhe é devido. Pesa as ações no Esquadro da consciência; aspira à justiça divina que nasce do amor e da sabedoria.

LESTE/OESTE: Eixos do Templo. O Leste é sede da Luz e do governo espiritual; o Oeste, do aprendizado e da instrução; o Sul preserva a vida social e o ritmo do labor.

LIBERDADE: Condição essencial do Maçom. Não é licença, mas responsabilidade: dominar paixões e agir por convicção reta.

LUZ: Símbolo central da Ordem: conhecimento verdadeiro e presença divina que ilumina a consciência. Cada grau é um novo raio dessa iluminação.

MAÇONARIA: Escola iniciática de formação moral, filosófica e espiritual. Herdeira das corporações de ofício, transforma trabalho material em construção da alma. Discreta, universal e voltada à perfeição interior.

MAESTRIA: Plenitude moral após longa aprendizagem. Autoridade que nasce do exemplo e do serviço; reflete a harmonia do G·A·D·U· nas ações.

MAÇO — *Maço*: ferramenta do Aprendiz (vontade que golpeia e modela a Pedra Bruta). Instrumento cerimonial do Venerável Mestre e dos Vigilantes para reger a cadência dos trabalhos.

MARTELO DE CORTE: Ferramenta do Aprendiz para cortar as pedras. Ensina que a transformação exige força e discernimento.

MESTRE DE CERIMÔNIAS — Oficial que organiza o andamento ritual, entradas, cortejos e instruções; garante ordem e clareza simbólica.

MESTRE MAÇOM: É o Grau da plenitude simbólica. Herdeiro de Hiram e guardião da Palavra Perdida. Sabe que o verdadeiro poder é compreender e servir.

NÃO MAÇOM — Designação inglesa/americana (*non-Mason*) para quem ainda não pertence à Ordem. Preferida no Rito de

York em lugar de “profano”. É o buscador que pode vir a “ser feito Maçom”.

NATUREZA: Primeiro templo do homem. Revela leis, ritmos e harmonias do G::A::D::U::; convida o iniciado a viver em sintonia com o cosmos.

NÍVEL: Instrumento que simboliza igualdade prática e justiça nas relações; lembra que todos se encontram no mesmo plano moral em Loja.

OBRIGAÇÃO: Compromisso de honrar a palavra e viver os princípios da Ordem; pacto moral diante do VLS. Quebra do juramento é queda da honra.

OESTE: Setor sob o cuidado do 1º Vigilante; simboliza a aprendizagem e o labor.

ORDEM: Reflexo da harmonia divina. Na Loja, aparece na disposição dos cargos, precisão dos ritos e disciplina dos obreiros; no interior, é hierarquia das virtudes.

PALAVRA PERDIDA: Grande mistério da Ordem: o conhecimento supremo da Verdade, perdido e a ser reencontrado. Está no coração, não somente em livros. Recuperá-la é restaurar a ligação direta com o divino.

PAZ: Fruto da harmonia interior: equilíbrio entre razão e emoção, dever e liberdade. O Maçom pacífico apazigua sem impor e corrige sem ferir.

PAVIMENTO MOSAICO: Assoalho quadriculado em preto e branco; ensina a convivência de opostos e a necessidade de vigilância e equilíbrio moral.

PEDRA ANGULAR: Fundamento do Templo e símbolo da Verdade que sustenta toda a construção. No plano interior, é o Cristo íntimo, eixo que une céu e terra.

PEDRA BRUTA: Estado natural do homem: imperfeito e inacabado. O trabalho do Aprendiz é lapidá-la com vontade e razão, vencendo vícios e conquistando virtudes.

PERSEVERANÇA: Constância no bem. O progresso espiritual faz-se em degraus, não em saltos; o Templo da sabedoria não se ergue num só dia.

PLACET DE INICIAÇÃO: Autorização formal do Grão-Mestre que permite à Loja iniciar o candidato aprovado e escrutinado.

POTÊNCIA (GRANDE LOJA / GRANDE ORIENTE): Autoridade maçônica que concede cartas constitutivas, supervisiona Lojas e assegura a regularidade. Publica boletins e emite atos (como Placet).

PRUMO — Representa a retidão interior; alinha a consciência à vertical do dever e da verdade.

PROFANO — Do latim *pro fanum*, “diante do templo”. Em ritos de tradição francesa, designa quem ainda não foi iniciado. No York, prefere-se “não Maçom”.

PUREZA: Transparência da alma: intenção reta, ausência de duplicidade. O avental branco e o coração sincero a simbolizam.

QUÓRUM: Número mínimo de Irmãos necessário para abrir e conduzir regularmente uma sessão; definido pela legislação da Potência.

RECONHECIMENTO: Ato formal entre Potências regulares que confirma a regularidade mútua e viabiliza visitação e intercâmbio ritualístico.

REGULARIDADE: Condição essencial de Potência e de Loja que observam os princípios tradicionais, reconhecidas por outras Potências regulares; fundamento da vida maçônica “em circuito”.

RÉGUA (REGRA) DE 24 POLEGADAS: Ferramenta do Aprendiz usada com o Marte de Corte. Instrumento simbólico de disciplina do tempo: reparte as horas entre trabalho, descanso e serviço, ensinando equilíbrio de vida.

SECRETÁRIO: Oficial que redige atas, guarda o arquivo, expede comunicações e mantém a correspondência com a Potência.

SINAL DE GUARDA / SINAL PENAL / PALAVRA DE PASSE: Elementos tradicionais de reconhecimento histórico. Em caráter público, mencionam-se sem descrição específica das formas.

SILÊNCIO: Linguagem dos sábios. Não é ocultação, mas meditação: intervalo onde o verbo se prepara para ser pronunciado com justiça.

TAPETE — Painel mosaico com uma estrela no meio.

TEMPLO: Símbolo máximo da Ordem. Representa o universo e o coração humano. Cada pedra é virtude; cada coluna, princípio. O Templo externo reflete o Templo interior.

TESOUREIRO: Oficial que administra os recursos da Loja com retidão e transparência, prestando contas conforme as normas.

TOQUES E MARCHA: Formas tradicionais de reconhecimento e deslocamento ritual; preservadas discretamente.

TRABALHO: Todo esforço útil e justo é sagrado, porque transforma o homem e o mundo. É contínuo: a cada sessão, recomeça a Obra.

TRÊS PEQUENAS LUZES — Luminárias dispostas ao redor do altar que representam o Venerável Mestre, o Sol e a Lua acesas na abertura dos trabalhos e apagadas no encerramento.

TRÊS PONTOS (::): Sinal gráfico das abreviaturas maçônicas; recorda o tríplice ideal (Amor Fraternal, Alívio e Verdade; ou Sabedoria, Força e Beleza; ou Liberdade, Igualdade e Fraternidade) e a união dos três mundos.

TYLER (GUARDA DO TEMPLO / GUARDA EXTERNO): Irmão encarregado da vigilância da porta, garantindo que somente regulares e habilitados ingressem; guarda a regularidade dos trabalhos.

VENERÁVEL MESTRE (VM): Presidente da Loja, sentado ao Oriente; conduz os trabalhos, guarda a regularidade e cuida da instrução e harmonia geral.

VERDADE: Não é a posse, mas a luz que se revela aos sinceros. Harmonia entre pensar, falar e agir.

VIRTUDE: Hábito constante do bem; finalidade de cada ferramenta, símbolo e rito.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, James. The Constitutions of the Free-Masons (1723). London: William Hunter, 1723.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida, edição Revista e Atualizada (ARA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 2007.

CAMINO, Rizzardo da. Ritualística maçônica comentada. Curitiba: Pensamento e Vida, 2009.

CASTELLANI, José. História do Grande Oriente do Brasil. Brasília: GOB, 1993.

CARR, Harry. The Freemason at Work. London: Lewis Masonic, 1976.

COSTA, Irineu. Maçonaria no Brasil: símbolos e tradições. São Paulo: Ícone, 2010.

CURL, James Stevens. The Art and Architecture of Freemasonry. London: Batsford, 1991.

DELLAZZANA, Flávio. História da Maçonaria e Origem do Rito de York. 1. ed. s.l.: Clube de Autores, 2024.

EDINGER, Edward F. Anatomy of the Psyche: Alchemical Symbolism in Psychotherapy. Chicago: Open Court, 1985.

ECO, Umberto. A estrutura está ausente. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EPSTEIN, Steven A. An Economic and Social History of Later Medieval Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

GUÉNON, René. Símbolos da ciência sagrada. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAMILL, John; **GILBERT**, Robert. Freemasonry: A Celebration of the Craft. London: Angus & Robertson, 1992.

HAYWOOD, H. L. The Great Teachings of Masonry. Richmond: Macoy, 1971.

HODAPP, Christopher. Freemasons for Dummies. Hoboken: Wiley, 2005.

HODGES, Henry. Technology in the Ancient World. London: Pelican, 1970.

JONES, Bernard E. Freemasons' Book of the Royal Arch. London: Hutchinson, 1957.

JUNG, Carl G. Psicologia e alquimia. Petrópolis: Vozes, 2013.

KNOOP, Douglas; **JONES**, G. P. The Medieval Mason. Manchester: Manchester University Press, 1933.

MACKEY, Albert G. An Encyclopaedia of Freemasonry. New York: Masonic History Company, 1917.

PIKE, Albert. Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry. Washington, DC: Supreme Council, 1871.

SCHEEL, Charles Claudio. O caminho do aprendiz no Rito de York. 1. ed. Joinville: Clube de Autores, 2024.

SCHÖLEM, Gershom. A cabala e seu simbolismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

STEVENSON, David. The Origins of Freemasonry: Scotland's Century, 1590–1710. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

WILMSHURST, Walter Leslie. The Meaning of Masonry. London: Plumb, 1922.



O AUTOR



Flávio Dellazzana

Iniciação e primeiros passos

- Flávio Dellazzana foi iniciado na Maçonaria em **15 de abril de 2002**, na **Augusta e Respeitável Benemerita Loja Simbólica Pedra Cintilante nº 60**, em Itapema (SC).
- Atualmente é obreiro (membro ativo) da **Augusta e Respeitável Loja Simbólica Santo Graal nº 167**.
- Em **2007**, foi eleito **Venerável Mestre** — cargo que equivale ao de presidente de uma Loja Maçônica — sendo responsável pela condução das reuniões e trabalhos simbólicos.
- Atuou como **membro da Comissão de Administração do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC)**, órgão diretivo da Maçonaria catarinense.

Contribuições no Rito Adonhiramita

- O **Rito Adonhiramita** é um dos sistemas tradicionais de rituais maçônicos praticados no Brasil. Dentro dele, Flávio se destacou pela colaboração na **reestruturação dos manuais de instrução** e pela **reedição do IV Volume do Manual Adonhiramita (2015)**.

- Entre 2008 e 2009, exerceu o cargo de **Secretário Adjunto do Grão-Mestre para o Rito Adonhiramita**, assessorando diretamente a liderança estadual.
- No campo filosófico desse rito, atingiu o **Grau 13 — Cavaleiro Noaquita**, o grau máximo do sistema Adonhiramita, que representa o ápice do conhecimento moral e filosófico dentro dessa vertente.
- Em 2010, tornou-se **Sapientíssimo da Loja de Perfeição Adonhiram** (Itajaí), e em 2011 foi **Poderoso Mestre do Capítulo Ayres Gevaerd**. Contribuiu ainda para a **construção do Templo Filosófico da Loja de Perfeição Adonhiram** e foi **fundador da Loja de Perfeição Arno Gebler** (Joinville).

Dedicação ao Rito de York

- Em 2011, junto ao Irmão Toni Haag, fundou a **Loja Monteiro Lobato nº 132**, onde exerceu novamente o cargo de **Venerável Mestre (2012–2013)**.
- Desde então, Flávio passou a se dedicar integralmente ao estudo, tradução e expansão do **Rito de York**, considerado o mais tradicional sistema maçônico americano.

- Entre suas principais realizações estão a **fundação de diversas Lojas** do Rito de York em Santa Catarina:
- Harmonia e Perseverança nº 108
- Thomas Smith Webb nº 158 (Florianópolis)
- Natureza e Harmonia nº 160 (Urubici)
- Pérola do Vale nº 162 (Timbó)
- Santo Graal nº 167 (Porto Belo)
- Acácia Negra nº 173 (Blumenau)
- Cavaleiros de Aço nº 164 (Loja itinerante)
- Labor e Concórdia nº 146 (Lages)

Também foi responsável pela **tradução, adaptação e edição** de importantes manuais ritualísticos do Rito de York, como:

- Manual de Instalação e Posse
 - Manual de Instalação de Loja
 - Manual de Loja de Mesa
 - Manual de Pompa Fúnebre
 - Manual de Sessão Pública
-
- Produziu, junto à Secretaria de Formação Maçônica, os **Cadernos de Estudo (NAEM)** para Aprendiz e Companheiro e coordenou a elaboração dos **Compêndios de Instrução do Rito de York** para os três graus simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom).

- Foi também **Revisor e Editor dos Rituais** oficiais de 2020, 2022 e da nova edição prevista para 2026.
- Representou o **Grande Oriente de Santa Catarina** na **International Grand Lectures Convention**, realizada em **Nova York (EUA)** nos anos de **2020 e 2023**, um dos principais encontros internacionais de especialistas em ritualística do Rito de York.

Entre 2017 e 2023, exerceu os cargos de:

- **Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística (2017–2020)**
- **Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York (2020–2023)**

Altos Graus do Rito de York

- Flávio é fundador e membro ativo do **Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco**, em Itajaí, criado em 2004.

O **Real Arco** representa a etapa final do sistema simbólico do Rito de York, onde se revela o sentido espiritual e filosófico da Maçonaria.

- Em 2013, foi **Sumo Sacerdote do Capítulo Santo Graal**, recebendo a **Ordem dos Sumo Sacerdotes Ungidos..**
- Também recebeu os **Graus Crípticos** — Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre — que compõem a parte mais simbólica e introspectiva do Rito.
- Nesses graus, exerceu a função de **Ilustre Mestre** (Presidente) e foi agraciado com a **Ordem da Trolha de Prata**.
- Na sequência, obteve os **Graus de Cavalaria**:
- **Ordem da Cruz Vermelha**
- **Ordem de Malta**
- **Ordem dos Cavaleiros Templários (K.T.)**

A **Ordem Templária** é o grau máximo do sistema York, simbolizando a perfeição moral e o compromisso espiritual do Maçom.

Flávio foi o **fundador e primeiro Comandante da Comanderia Santo Graal nº 37 em Itajaí**, dedicada a essa vertente cavaleiresca.

Em 2024, foi elevado à **Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo**.

Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA)

- Além do Rito de York, Flávio é também membro dos **Graus Filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito**, tendo alcançado o **Grau 32 — Príncipe do Real Segredo** no **Consistório Sol Nascente**. O Grau 32 é o **penúltimo grau do sistema escocês**, que possui 33 graus no total.
- O **Grau 33**, o mais elevado, é conferido como distinção máxima pelos serviços prestados à Ordem e à sociedade. Flávio receberá o **Grau 33 em 2026**.
- Além disso, é **Mestre Escocês de Santo André**, título vinculado ao **Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa**, uma organização de inspiração templária ligada ao REAA.

Trabalho com a Juventude:

- Flávio dedicou **15 anos ao Movimento Escoteiro**, atuando desde Lobinho até Chefe de Tropa.

- Apoiou a **Ordem DeMolay** — organização juvenil patrocinada pela Maçonaria —, onde exerceu o cargo de **Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense nº 231 (2011–2014)**, recebendo a **Cruz de Honra DeMolay**.

Formação Acadêmica

- **Pós-graduação lato sensu em Maçonologia — História e Filosofia (UNINTER)**. Estudo aprofundado da história, filosofia e simbologia maçônicas, com ênfase no desenvolvimento cultural e social da Ordem.

Coordenou o II Congresso Estadual do Rito de York.

GOSC (13–14/09/2025)

Participou do curso “Maçonaria e Universidade”

(UFF, 30h, set/2025)

Foi nomeado Membro da Grande Comissão de Ritualística do Real Arco do Brasil

(Ato 027/2025, 07/10/2025).

Coautor das obras:

- *O Caminho do Aprendiz no Rito de York*
- *O Caminho do Companheiro no Rito de York*
- *O Caminho do Mestre Maçom no Rito de York*
(em parceria com o Irmão Charles Cláudio Scheel)

Autor dos livros:

- *História da Maçonaria e Origem do Rito de York* (2023)
- *Os Véus da Sabedoria – Moral, Filosofia e Revelações do Real Arco* (2024)
- *Mestre de Marca – A Arte de Deixar Marcas* (2024)
- *Past Master – História e Tradição* (2024)
- *Mui Excelente Mestre – Quando a Última Pedra Une a Terra e o Céu* (2024)
- *Maçom do Real Arco – Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém* (2025)
- *Os Graus Crípticos – O Arco Secreto e a Câmara do Silêncio* (2025)
- *As Ordens de Cavalaria – À Luz da Fé e o Fogo da Espada* (2025)
- *A Ordem da Trolha de Prata* (2025)

Com mais de **duas décadas de vida maçônica**, Flávio Dellazzana se destaca como **pesquisador, escritor e líder ritualístico**, com contribuições significativas à estrutura, ao ensino e à expansão do **Rito de York no Brasil**.

Sua obra reflete a busca pela **integração entre história, filosofia e espiritualidade**, traduzindo em linguagem acessível a profundidade simbólica da tradição maçônica.